

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO SOCIOECONÔMICO – CSE
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS E RELAÇÕES
INTERNACIONAIS**

JÔNATAS ELIAS FLORÊNCIO

**CARACTERIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DE FUMO NO MUNICÍPIO DE
JACUIZINHO, RIO GRANDE DO SUL.**

**FLORIANÓPOLIS
2012**

JÔNATAS ELIAS FLORÊNCIO

**CARACTERIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DE FUMO NO MUNICÍPIO DE
JACUIZINHO, RIO GRANDE DO SUL**

Monografia submetida ao Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito obrigatório para obtenção do grau de Bacharelado.

Orientador: Luiz Carlos de Carvalho Júnior

FLORIANÓPOLIS, 2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

A Banca Examinadora resolveu atribuir a nota 8,5 ao aluno JÔNATAS ELIAS FLORÊNCIO na disciplina CNM 5420 – Monografia, pela apresentação deste trabalho.

Banca Examinadora:

Prof. Luiz Carlos de Carvalho Júnior

Prof. Francisco Gelinski Neto

Helberte João França Almeida

AGRADECIMENTOS

A Deus,

Aos meus familiares, especialmente para minha esposa Fernanda M.T Bugs Florêncio, e a todos que, com muita compreensão e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

Ao professor Dr Luiz Carlos de Carvalho Júnior pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia.

Aos coordenadores do curso, pelo convívio, pelo apoio, pela compreensão e pela amizade.

Ao meu Tutor Presencial Luciano Corazza, pelo intenso incentivo.

A todos os professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento desta monografia.

Aos amigos e colegas, pelo incentivo e pelo apoio constantes.

“Privatizaram sua vida, seu trabalho, sua hora de amar e seu direito de pensar. É da empresa privada o seu passo em frente, seu pão e seu salário. E agora não contente querem privatizar o conhecimento, a sabedoria, o pensamento, que só à humanidade pertence.”

(Bertold Brecht)

Resumo

Verificam-se neste trabalho, as principais características da produção de fumo em âmbito mundial, nacional e estadual, com mais ênfase no município de Jacuizinho no estado do Rio Grande do Sul. O principal objetivo é analisar a atividade fumageira no município de Jacuizinho, localizado em uma das regiões que mais produzem fumo no Brasil. Através de dados obtidos a partir da aplicação de uma pesquisa de campo, constata-se que essa atividade vem mantendo-se praticada por agricultores com faixa etária elevada, onde mais da metade possui apenas o ensino fundamental; esse é um fator que dificulta a intervenção tecnológica e consequentemente a modernização na propriedade rural; devido a essa barreira enfrentada pela cultura do fumo entende-se que, mesmo sendo de muita importância, vem perdendo espaço, diante de outras cadeias produtivas que estão sendo praticadas no município. Devido ao constatado nesta pesquisa foi possível entender que no município em questão a produção fumageira gira em torno da espécie de fumo burley, a qual mais se adapta nas condições do relevo, e que menos necessita de mão de obra por parte do proprietário.

Palavras-chaves: Produção fumageira, Fumicultores, Jacuizinho, Agroindústria.

ABSTRACT

They are verified in this work, the principal characteristics of the production of tobacco in ambit world, national and state, with more emphasis in the municipal district of Jacuizinho in the state of Rio Grande do Sul. The objective principal is to analyze the activity fumageira in the municipal district of Jacuizinho, located in one of the areas that more they produce tobacco in Brazil. Through data obtained starting from the application of a field research, it is verified that that activity is staying practiced by farmers with high age group, where more of the half it just possesses the fundamental teaching; that is a factor that hinders the technological intervention and consequently the modernization in the rural property; due to that barrier faced by the culture of the tobacco it is that same being of a lot of importance, it is losing space, before other productive chains that are being practiced in the municipal district. Due to that that is verified in this research that in the municipal district in subject the production fumageira rotates around the species of tobacco burley, the one which more he/she adapts in the conditions of the relief; and that fewer needs work hand on the part of the proprietor.

Word-keys: Production fumageira, Fumicultores, Jacuizinho, Agroindústria.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICO 1 - Produção Média de fumo no Brasil.....	36
GRÁFICO 2 – Principais regiões produtoras de fumo no RS.....	37
GRÁFICO 3 – Principais municípios produtores de fumo no RS.....	38
GRÁFICO 4 – Lavouras temporárias produção em toneladas.....	43
GRÁFICO 5 – Lavouras temporárias em receita bruta.....	44
GRÁFICO 6 – Média de idade dos fumicultores.....	46
GRÁFICO 7 – Grau de escolaridade dos fumicultores.....	47
GRÁFICO 8 – Elementos de Infraestrutura utilizados como apoio na produção do fumo.....	48
GRÁFICO 9 – Espécies de fumo cultivado.....	48
GRÁFICO 10 – Fumicultores vinculados a agroindústria fumageira.....	49
GRÁFICO 11 – Fumicultor Associado a algum sindicato.....	50
GRÁFICO 12 - Sindicato que os fumicultores estão associados.....	51
GRÁFICO 13 – Tempo em que o agricultor cultiva o fumo.....	53
GRÁFICO 14 – Dúvidas frequentes dos fumicultores.....	54
GRÁFICO 15 – Meios de financiamentos dos fumicultores.....	55
GRÁFICO 16 – Área total do cultivo do fumo por propriedade.....	56
GRÁFICO 17 – Produção média anual de fumo.....	57
GRÁFICO 18 - Outras atividades produtivas realizadas na propriedade.....	59
GRÁFICO 19 – Serviços fornecidos pela agroindústria fumageira.....	61

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

QUADRO 1 - Produção, consumo e estoques mundiais, em toneladas, 1990 a 2008.....	31
QUADRO 2 - Evolução de produção mundial de fumo em folha.....	32
QUADRO 3 - Estabelecimentos agropecuários de Jacuizinho (2006).....	42
QUADRO 4 - Motivos pelos quais os fumicultores se vincularam a agroindústria.....	50
QUADRO 5 - Principais fontes de informação dos fumicultores.....	52
QUADRO 6 - Equipamentos e infraestrutura dos fumicultores.....	58
FIGURA 1 - Cadeia produtiva do setor agroindustrial.....	21
FIGURA 2 - Produção média de fumo do Brasil e dos principais estados produtores.....	38
FIGURA 3 - Mapa do município de Jacuizinho.....	45

SUMÁRIO

CAPÍTULO I

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Problema de pesquisa e justificativa.....	11
1.2 Objetivos de Pesquisa.....	13
1.2.1 Objetivos geral.....	13
1.2.2 Objetivos específicos.....	13
1.3 Metodologia.	13
1.4 Estrutura do Trabalho.....	14

CAPITULO II

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
2.1 Evolução dos conceitos relativos a interação da agricultura e indústria.....	15
2.1.1 O conceito de complexo rural.....	15
2.1.2 O complexo agroindustrial.....	17
2.2 A noção de cadeia de produção agroindustrial.....	18
2.3. Principais aplicações do conceito de cadeia de produção agroindustrial.....	20
2.3.1 Cadeia de produção com metodologia de divisão setorial do sistema produtivo.....	20
2.3.2 Cadeia de produção como ferramenta de análise e formação de políticas públicas e privadas.....	22
2.3.3 Cadeia de produção como ferramentas de descrição técnica-econômica.....	22
2.3.4 Cadeia de produção como metodologia de análise de estratégias das firmas.....	23
2.3.5 Cadeias de produção como espaço de análise de inovações tecnológicas.....	24

CAPITULO III

3 CARACTERIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DO SETOR FUMAGEIRO NO MUNDO E NO BRASIL.....	26
3.1 História e importância do fumo no mundo.....	26
3.2 Espécies de fumo.....	27
3.3 O fumo no Brasil.....	28
3.3.1 Produção e consumo do Fumo no Brasil.....	30
4 A CARACTERIZAÇÃO NO SETOR FUMAGEIRO NO RIO GRANDE DO SUL..	34
4.1 Cadeia de produção fumageira no Rio Grande do Sul.....	34
4.2 Municípios produtores de fumo no estado.....	36

5 CRACTERIZAÇÃO DO SETOR FUMAGEIRO NO MUNICÍPIO DE JACUIZINHO-RS.....	40
5.1 Contextualização histórica.....	40
5.2 Localização.....	41
5.3 Meio Rural.....	42
6 RESULTADOS E ANÁLISE DA PESQUISA.....	45
6.1 Procedimentos metodológicos.....	45
6.2 Dados e análises da pesquisa.....	45
CAPÍTULO IV	
CONCLUSÃO.....	62
REFERÊNCIAS.....	63
ANEXO I - PESQUISA SOBRE A PRODUÇÃO DE FUMO.....	66

1 INTRODUÇÃO

1.1 Problema e Justificativa da Pesquisa

A economia global vem passando por diversas intensificações nos processos industriais financeiros e produtivos. A partir da década de 1980 em que ocorreu a abertura econômica as empresas se viram obrigadas a intensificar seus métodos de produção, ou seja, tiveram que se atualizar, e até mesmo mudar o rumo de suas atividades quando necessário para tornarem-se mais produtivas. Devido a esses acontecimentos, a produção de fumo no Brasil, mesmo começando mais tarde que em outros países, teve que se adequar a essa atividade, e assim tentar se tornar mais mecanizada. Mas por consequências óbvias esta mecanização teve poucos efeitos nas propriedades que cultivam fumo no Brasil, pois estas inovações enfrentaram uma série de barreiras tanto no âmbito cultural, como natural na produção do fumo. Podemos destacar como barreiras a pouca escolaridade dos produtores, a pouca área cultivada por família, que em alguns casos é totalmente acidentada (alto relevo), os efeitos climáticos que influenciam essa cultura, isso sem mencionar o alto custo de plantio e colheita.

A produção de fumo no município de Jacuizinho está fortemente ligada à região central do estado do Rio Grande do Sul, regiões que compreendem o Vale do Rio Pardo, Centro Serra, Alto da Serra do Botucaraí e parte do Planalto, visto que estas regiões são as mais importantes do Brasil na produção fumageira. Podemos destacar uma série de fatores, que facilitam e viabilizam essa atividade no município de Jacuizinho, como por exemplo, os métodos de produção que são baseados na agricultura Familiar, ou seja, uma mão de obra barata e qualificada. Lembrando que o cultivo do fumo no município de Jacuizinho possui mais de 100 (cem) anos de história, e durante todo este tempo as mudanças foram pouco expressivas, os indivíduos do campo desde cedo aprenderam a plantar, cultivar, e vender. Sendo assim quem assume o negócio é a própria família, é difícil, portanto, ver empregados nas propriedades, visto que o retorno financeiro da safra de fumo é apenas anual, ou seja, o fumicultor não costuma assumir dívidas mensais, pois a única garantia de entradas monetárias mínimas é apenas na hora da venda do produto que compreende o final dos meses de dezembro a meados dos meses de maio, dependendo do clima.

Ademais, o plantio de fumo é uma atividade de risco moderado/alto, pois depende muito do clima colaborar, como chover na hora certa, por exemplo, e do mercado externo que

possui grande influência no preço do fumo comercializado no Brasil. Nesse sentido, grandes oscilações de preços são comuns, quando se trata do setor fumageiro Brasileiro.

A importância da atividade na otimização desse processo motivou a realização desta pesquisa, a fim de fornecer características e análises de alguns parâmetros produtivos da Produção do fumo de Jacuizinho. Tal trabalho se mostra relevante, visto que até o momento não existe nenhum estudo registrado abrangendo o assunto em questão.

Mas a principal motivação em realizar esse estudo, foi em tentar conhecer melhor a realidade dos produtores de fumo do município em questão, visto que todos os registros sobre esse assunto ressaltam apenas aspectos socioambientais e também a degradação do meio ambiente, mas sempre relacionando ao cigarro e seus malefícios. Diante desse fato surgiu a necessidade de fazer esse estudo focado em apenas um município, no caso Jacuizinho, que leva em conta dados quantitativos, qualificativos com relação à produção de fumo.

O resultado final deste trabalho poderá ser um forte instrumento para amparar as ações dos próprios fumicultores, de modo a contribuir para políticas mais adequadas relacionadas à produção do fumo no município.

Através da análise desses dados, o trabalho poderá futuramente oferecer ajuda para outros estudos acerca desse assunto, uma vez que o setor fumageiro do município desenvolveu-se muito, desde a década de 90, no âmbito técnico e produtivo, mas continua frágil na questão de esclarecimentos ao fumicultor. Tal falta de esclarecimento se dá pelo fato de que as informações que chegam até aos fumicultores estão ligadas diretamente com as grandes multinacionais, e sendo assim muitas vezes algumas informações que seriam importantes para o fumicultor passam despercebidas, uma vez que são de nível regional e não do município de Jacuizinho.

Uma pesquisa deste perfil traz verdadeiras vantagens no sentido de expor a realidade dos agricultores deste município, com mais ênfase aos fumicultores, ao passo que possibilitará para quem de interesse for, um melhor conhecimento da cultura, e também da importância em meio à economia municipal e regional, pois o cultivo do fumo in natura é extremamente benéfico para os produtores que possuem pouca área de terra, pois devido à baixa mecanização se torna uma atividade de baixo custo. Pode-se afirmar, portanto que esta cultura seja economicamente viável, se sempre buscar a excelência no método de produção.

Este estudo pretende deixar bem claro a importância da cultura com relação à economia Municipal, e transparecer dados relacionados à empregabilidade, o acesso a financiamentos, as condições de infraestrutura e as relações diversas que existem dentro deste meio de produção.

1.2 Objetivos de Pesquisa

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar a atividade de produção de fumo do município de Jacuizinho Rio Grande do Sul.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Descrever a cadeia produtiva do fumo do Brasil e no Rio Grande do Sul, no que se refere às atividades desenvolvidas nos seus principais segmentos;
- Caracterizar a produção de fumo no município no que refere aos sistemas de produção, tecnologias utilizadas, tamanho da propriedade, características dos proprietários;
- Analisar as relações que são estabelecidas com fornecedores e compradores;

1.3 Metodologia

A metodologia utilizada nesta pesquisa é baseada em fontes primárias (pesquisa do autor) e secundárias de informação, como relatórios escritos e publicados, em livros, revistas, jornais, divulgados por autores que abordaram este assunto, e também materiais disponíveis na rede de internet, tomando como base artigos científicos e trabalhos de pesquisas que contemplem este tema e estejam relacionados ao problema em questão.

Todas as informações foram analisadas e trabalhadas em capítulo a parte, a fim de realizar as devidas interpretações dos dados levando em conta o fundamento teórico que cada autor toma como base. Também neste trabalho serão utilizados, além da pesquisa do autor, trabalhos escolares, livros e teses da academia e de instituições que trabalhem diretamente com o tema em questão.

A pesquisa feita pelo autor para melhor entendimento no assunto abordado, foi realizada no município de Jacuizinho, situado na macro região noroeste Rio-Grandense. Um questionário com 49 perguntas (ANEXO 1) foi dirigido a 25 (vinte e cinco) produtores de

fumo do município em questão. Esses produtores foram selecionados dentre os 61 fumicultores existentes, aleatoriamente conforme suas regiões no município, ou seja foram escolhidos ao menos 1(um) em cada localidade, esta amostra corresponde a 40,93% dos produtores. Este estudo foi realizado durante o período de 15 a 21 de maio do ano de 2012, nas localidades de Rincão dos Costas, Novo Horizonte, Colônia Oralina, Borboleta, Flexa Azul, Pantaninho e Linha São Jorge.

No sentido de embasar este estudo serão usados ainda materiais ligados à legislação da cultura fumageira em âmbito nacional. Da mesma forma, serão analisados dados fornecidos pelo IBGE, Ministério da Fazenda, IPEA, dentre outros, os quais resultarão em dados quantitativos e também comportamentais considerados relevantes para a análise.

1.4 Estruturas de Trabalho

A estrutura do trabalho refere-se ao conteúdo a ser apresentado em cada capítulo da monografia. O primeiro capítulo traz a introdução, problema e a justificativa de pesquisa, bem como os objetivos gerais e específicos e a metodologia. No segundo capítulo foi exposta a fundamentação teórica, onde são apresentados conceitos e possíveis relações entre variáveis, com base em autores consagrados. Nesse sentido, são discutidas questões que permitirão enxergar com maior clareza, possíveis respostas para o problema de pesquisa, ou seja, a fundamentação teórica vai indicar os elementos que serão utilizados na análise. No terceiro capítulo, são expostas as características do setor fumageiro no mundo e no Brasil, assim como as espécies de fumo cultivadas.

Outra etapa importante da pesquisa se refere ao quarto capítulo, onde se caracteriza o setor fumageiro no Rio Grande do Sul, e são expostas as principais regiões produtoras e também os municípios que mais produzem esta cultura. Também nesta pesquisa existe uma fase que trata apenas do setor fumageiro no município de Jacuizinho, o que diz respeito ao quinto capítulo (Caracterização do setor fumageiro no município de Jacuizinho RS), e que leva em conta a contextualização histórica, localização e meio rural, ao passo que é efetuada análise dos dados obtidos pela pesquisa realizada pelo autor, com os fumicultores desse município no período de 15 a 21 de maio de 2012.

No último capítulo encontra-se a conclusão, onde se procurou resgatar os principais resultados da pesquisa e mostrar que os objetivos do trabalho foram atingidos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Evoluções dos conceitos relativos à interação entre agricultura e indústria

2.1.1 O conceito de complexo rural

Tomando como base a história, o conceito de complexo rural para vários autores, é o termo utilizado para descrever um método que era desenvolvido nas fazendas da colônia, conforme afirma DUARTE (2002):

nas quais se operacionalizavam a produção a partir dos ingredientes produzidos internamente, atingindo também a “fase de industrialização”, o que permitia colocar o produto no mercado de forma acabada. “No interior das fazendas, produziam-se não apenas as mercadorias agrícolas para exportação, mas também todos os meios de produção necessários à sua produção” (DUARTE, 2002, p.8).

Portando toda a força de trabalho que era utilizada na fazenda era considerada um produto das próprias unidades produtoras, ou seja, todas as etapas da divisão social do trabalho na época, eram muito novas, e as atividades agrícolas e manufatureiras eram unidas e grande parte dos bens produzidos só tinha valor de uso, devido a isso não se destinavam ao mercado. Vale ressaltar que o mercado externo não existia nesta época (DUARTE, 2002, p. 9).

Descrever o período que abrange o conceito de complexo rural não é uma descrição muito fácil, uma vez que

Seu início é demarcado em 1850, com a Lei de Terras e a proibição do tráfico de escravos, sendo seu término situado em 1955, com a implantação, em bases industriais modernas, dos setores produtores de bens de capital para a agricultura, tais como: insumos, máquinas e equipamentos (COSTA apud MICHELLON, 1999, p.9).

A agricultura começou a ser industrializada a partir de algumas diferenciações bem importantes com relação ao fator homem, como se não bastasse estas diferenciações podem ser observadas nas relações sociais de produção a que podemos elencar os instrumentos de trabalho (ferramentas, insumos, máquinas e equipamentos e matérias-primas entre outros). Com tais mudanças o processo de industrialização tão conhecido passou da fase de sistema de produção artesanal para um novo estágio que posteriormente ficou conhecido como sistema de base manufatureira, que foi descrito, principalmente, pela inversão da função desenvolvida

pelo trabalhador parcial (especializado com suas ferramentas) na manufatura, até atingir a passividade do operário industrial que apenas vigia sua máquina (SILVA, 1997).

Todas as mudanças ocorridas na agricultura brasileira foram benéficas para o sistema de produção e em pouco tempo superaram o complexo rural tradicional que durante décadas dominou a agricultura no Brasil. Este período durou de 1930 a 1970, período em que se estabeleceu e se consolidou no país sendo chamado por muitos como um novo padrão de desenvolvimento, ou seja, este período de transição focou-se nos setores urbanos e industriais da economia, enfatizando cada vez mais o atendimento da demanda de um mercado interno em franca expansão (SZMRECSÁNYI apud MICHELLON, 1999).

Com a ideia de poder explicar as várias fases econômicas ocorridas no Brasil durante período de franco crescimento, que KAGEYAMA e SILVA apud MICHELLON (1999) se apoderaram da passagem “do complexo rural aos complexos agroindustriais (CAIS)”, pretenderam mostrar com o passar do tempo, que as atividades que outrora estavam entranhadas nas fazendas coloniais, começaram ser influenciadas por fatores como a urbanização e industrialização. Em um segundo momento, logo quando o parque industrial brasileiro se encontra totalmente constituído graças à internalização dos setores produtores de bens de capital da agricultura durante os anos 60 e 70, começa a ter uma maior convergência entre atividades afins, por força da própria especialização dos novos ramos que se iniciaram e foram se constituindo dentro e fora da própria agropecuária, criando assim novos laços indissolúveis entre estes fatores, apesar de serem feitos fora das fazendas.

Com o passar dos tempos surge a crise dos complexos rurais. Devido a isso surgem as mudanças dos grandes determinantes dinâmicos da agricultura, e a partir deste ponto não se conseguiu mais falar num só único determinante, ou seja, nem numa única dinâmica geral, então se subentende que se torna inviável comentar ou citar um único “setor agrícola” sem comentar no restante do processo.

Quando se trata da agricultura no Brasil, cabe ressaltar que atualmente é uma das estruturas mais complexas, com heterogeneidade e muitos determinantes. Para entendê-la melhor é preciso pesquisar seus diversos segmentos e procurar vê-la através de seus fatores determinantes, levando em conta o CAIS entre outros, mas sem esquecer-se de suas diversas dinâmicas específicas e ligadas entre os setores industriais, fornecedores de insumos e processadores de produtos com base na agricultura. (DUARTE, 2002, p. 10).

2.1.2 O complexo agroindustrial

Este termo de Complexo Agroindústria, ou CAI tem como a matéria prima de base seu ponto de partida. Através disso surgem vários exemplos à alusão ao complexo da Soja, complexo do leite, complexo do tabaco, complexo da cana de açúcar, complexo do café, entre outros. A formatação deste complexo agroindustrial seria delimitada como

Explosão da matéria-prima principal que o originou, segundo os diferentes processos industriais e comerciais que ela pode sofrer até se transformar em diferentes produtos finais. Com isso, o aparecimento do complexo agroindustrial precisa da total participação de vários conjuntos de cadeias de produção, sendo assim cada uma delas associada a um produto ou família de produtos. (OLIVEIRA, 2011, p. 16)

Mas para outros autores o Complexo Agroindustrial pode ser definido de modo geral como uma expressão para explicar sempre os mesmos fatores observados já naquela época na economia Norte Americana: podendo destacar a crescente inter-relação setorial entre agricultura, indústria e serviços. Conforme publicação no final dos anos 1950, os autores já comentavam algo sobre “o fazendeiro moderno” que segundo eles era um especialista e que suas atividades foram diminuindo e assim começaram a produzir plantas e criar animais de várias espécies. Com isso as outras atividades foram mudadas para fora da fazenda para as cidades e indústrias (DUARTE, (2002, p.10).

Da mesma forma, podemos elencar alguns estudos de Harvard que foram citados por CANZIANI e MENDES apud MICHELLON (1999), e que visam à demonstração de que existe a participação de diversos segmentos no valor agregado dos produtos cuja matéria-prima tem origem na agricultura. Esses autores acreditam que a importância da agricultura de um país não pode ser medida apenas pelo valor de sua produção que para eles se delimita “dentro da porteira” da fazenda, ou seja, que a dinâmica da agricultura sofre influência das relações estabelecidas com os setores fornecedores de insumos e com os setores beneficiadores da matéria-prima agrícola.

Agricultura em si traz muitos benefícios que se tornam mais fortes se industrializada. Certas avaliações dos pensadores tinham grande abrangência perante o sistema como um todo, isto quer dizer que toda e qualquer parte começando na cadeia de alimentos, podendo se destacar ainda a cadeia produtiva de alimentos e de fibras o que inclui as indústrias de insumos e máquinas agrícolas, produção agrícola, agroindústria, agro marketing, atacado e varejo. Quando se trata destes assuntos CANZIANI e MENDES apud MICHELLON (1999) descrevem que nos EUA os índices de pessoas envolvidas com o setor ultrapassam 23

milhões, o que representa 17% dos 135 milhões de empregos em toda a economia norte-americana (DUARTE, 2002, p.12).

2.2 A noção de cadeia de produção agroindustrial

Durante os anos 60, começaram a desenvolver a escola industrial francesa com a noção de análise de *filière*. Relembrando que o conceito de *filière* foi pouco desenvolvido especificamente para estudar certos problemas agroindustriais, mas foi entre os economistas agrícolas e pesquisadores ligados aos setores rural e agroindustrial, que ele encontrou seus principais defensores.

Com relação ao setor agroalimentar, DAVIS & GOLDBERG apud CARVALHO (1995) ficaram conhecidos como os primeiros a analisar a cadeia de produção no ano de 1957 foi neste ano que publicaram um livro em que se discute e descreve o conceito de *agribusiness*, cujos fatores viriam a caracterizar uma cadeia produtiva. Mas, GOLDBERG, no ano de 1958, quando criou o conceito de Sistemas de *Commodities*, formaliza a ideia contida nas modernas definições de cadeia de produção. Segundo esse autor:

Esta visão engloba todos os participantes implicados na produção, na transformação e na comercialização de um produto agrícola. Ela inclui os fornecedores da agricultura, os agricultores, os empresários de estocagem, os atacadistas e os varejistas, permitindo ao produto bruto, passar da produção ao consumo. Ela abrange enfim todas as instituições governamentais, os mercados e as associações de comércio que afetam e coordenam os níveis sucessivos sobre os quais transitam os produtos (MONTIGAULT apud CARVALHO, 1995, p. 110).

Por outro lado, outro pensador ressalva três elementos que estariam implicitamente ligados a uma noção completa de cadeia produtiva, pois segundo MORVAN apud BATALHA (1997) havia três séries de fatores os quais essas noções comportam:

* Uma troca de operações de transformação desagregada, que são capazes de ser separadas e novamente ligadas entre si apenas por possuírem um encadeamento técnico;

* Um grupo de fatores que possuem relações comerciais e financeiras entre os estágios de transformação;

* Um conjunto de ações com ligação direta na economia que permitem que haja uma valorização dos meios de produção e que por consequência garantem uma organização de diversas operações. (DUARTE, 2002, P.14).

Em outras palavras, uma cadeia de produção agroindustrial pode ser segmentada, de jusante à montante, em três macros segmentos: comercialização, industrialização e produção de matérias-primas. Em muitos casos, os limites dessa divisão não são facilmente reconhecidos, podendo variar muito segundo o tipo de produto e o objetivo da análise (BATALHA, 1995, p. 44),

Quanto à abrangência de todos os macros segmentos, cabe ressaltar que a comercialização abrange as empresas que estão em contato com o cliente final da cadeia produtiva (supermercados, mercearias, restaurantes, cantinas etc.), podendo incluir nestes macros segmentos as empresas responsáveis somente pela logística de distribuição. Já a industrialização, abrange as empresas responsáveis pela transformação das matérias-primas em produtos finais destinados ao consumidor. Por fim, a produção de matérias-primas reúne as firmas que as fornecem para que outras empresas avancem no processo de produção do produto final (agricultura, pecuária, piscicultura etc.).

No entanto, essas mudanças somente são sustentáveis, quando reconhecidas pelo consumidor como portadoras de alguma diferenciação em relação à situação de equilíbrio anterior, portanto de forma linear é bem simples de desfazer um processo industrial de fabricação de acordo com certas etapas de produção. Não se esquecendo do produto final da CPA (Cadeia de Produção Agroindustrial), que nos remete ao produto que passou por muitas operações de fabricação, e a partir daí alcançando um estado intermediário de produção. Tomando como exemplo a produção de óleo refinado de soja, que poderia ser tratado como um estado intermediário de produção na fabricação de certos produtos como maionese e a margarina. Este produto que já se encontra em estado intermediário de produção terá a obrigatoriedade de estar com certa estabilidade física suficiente para ser comercializado, com isso alcançando um valor real e potencial maior de mercado (BATALHA, 2005, p. 45).

Lembrando que em meio à cadeia de produção agroindustrial tradicional, podem ser visualizados segundo Duarte:

No mínimo quatro mercados com diferentes características: mercado entre os produtores de insumos e os produtores rurais, mercado entre os produtores rurais e agroindústria, mercado entre agroindústria e distribuidores e, finalmente, mercado entre distribuidores e consumidores finais. Cabe ainda, com relação a essa temática, ressaltar a importância do estudo das características desses mercados para compreender a dinâmica de funcionamento de uma cadeia de produção agroindustrial (CPA). (DUARTE, 2002, p.34).

2.3 Principais aplicações do conceito de cadeia de produção agroindustrial

Por conta da literatura é que se constatam cinco principais utilizações para o conceito de cadeia de produção. Para BATALHA (1995, P.46), estes podem ser destacados das seguintes formas:

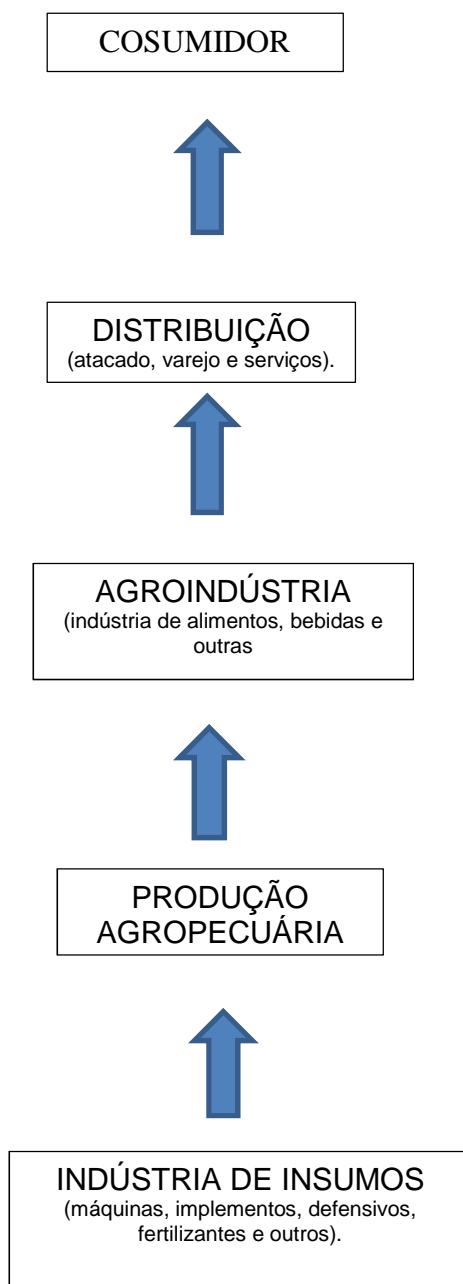
- Metodologia de divisão setorial do sistema produtivo;
- Formulação e análise de políticas públicas e privadas;
- Ferramenta de decisão técnico-econômica;
- Metodologia de análise da estratégia das firmas;
- Ferramenta de análise das inovações tecnológicas e apoio à tomada de decisão.

2.3.1 Cadeia de produção como metodologia de divisão setorial do sistema produtivo

Nesta abordagem o autor se utiliza de métodos estatísticos para explicar como se formaram os setores e ramos em meio ao sistema produtivo. De acordo com BATALHA (1997), a regra da formação dos complexos é mais simples do que parece, pois nos remete às cadeias de produção que pertencem ao mesmo complexo agroindustrial as quais possuem relações comerciais mais próximas do que as que não pertencem. Como se não bastasse, ainda argumenta quanto aos parâmetros utilizados de classificação afirmando que são instáveis diante do mercado, e a tecnologia atua como grande auxiliar em explicações de formação das cadeias. Além disso, os resultados obtidos são consequências dos números da contabilidade nacional, o que nem sempre espelha a realidade DUARTE (2002).

Em outras palavras este tema começa a fazer mais sentido a partir do modelo elaborado Zylbersztajn (2000) que segue esta lógica:

Figura1: Cadeia produtiva do setor agroindustrial



Fonte: Zylbersztajn (2000, p. 39)

2.3.2 Cadeia de produção como ferramenta de análise e formação de políticas públicas e privadas

Para Duarte (2002) estes conceitos procuram identificar os segmentos que apresentam fragilidades em uma cadeia de produção, e sempre incentivando através de políticas adequadas. Para essa visão, o grande sucesso de uma cadeia de produção agro alimentar é o resultado do desenvolvimento em harmonia de todos os setores que interagem na cadeia. Com isso, no estabelecimento de políticas desenvolvimentistas regionais, um dos trabalhos do analista seria identificar os elos das cadeias complementares às atividades já existentes na região, e estimular o seu desenvolvimento através de mecanismos governamentais pertinentes.

Seguindo a mesma linha, em poucas palavras Bristot (2008, p.25) afirma: “Formulação e análise de políticas públicas e privadas – Identificando os elos fracos da cadeia, programariam ações direcionadas auxiliando no desenvolvimento da mesma; além de permitir uma melhor coordenação dos agentes em relação à cadeia”.

Detalhando uma análise em termos de cadeia de produção agroindustrial, fica evidenciada a importância de uma melhor articulação entre os agentes econômicos privados e o poder público com relação aos desejos e necessidades dos consumidores dos produtos finais dentro da cadeia. Ademais, esta análise permite uma melhor organização entre os agentes envolvidos diretamente com as atividades da cadeia de produção e os agentes ditos de apoio, entre os quais se destaca o governo.

2.3.3 Cadeia de produção como ferramenta de descrição técnico-econômica

Esta ferramenta de descrição consiste em caracterizar as operações de produção responsáveis pela transformação da matéria-prima em produto acabado ou semiacabado. Partindo desta lógica, uma cadeia de produção segue alguns parâmetros nas técnicas de produção. Segundo Duarte (2002): “Este grupo de operações forma uma rede de interdependência técnica, abrangendo desde a obtenção da matéria-prima (montante) até chegar ao produto e ao mercado final (jusante) do sistema produtivo”. Isto quer dizer que em certos momentos, é fácil a identificação dos elementos básicos que constituem a estrutura técnica elementar do setor.

Ressaltando que para vários autores, o procedimento que está contemplando “análise técnica” é a cadeia de produção não somente como uma ferramenta de descrição técnica, mas uma ferramenta de análise econômica com mais indicadores e índices.

[...] as forças econômicas, políticas e culturais, reciprocamente relacionadas, efetivam um território, um processo social, no (e com o) espaço geográfico, centrado e emanado na e da territorialidade cotidiana dos indivíduos, em diferentes centralidades/temporalidades/territorialidades. A apropriação é econômica, política e cultural, formando territórios heterogêneos e sobrepostos fundados nas contradições sociais (ABRAMOVAY, 2001, p. 3).

Para estes autores, os níveis citados anteriormente se completam, ou seja, se estudando os aspectos técnicos, sempre ficam certas preocupações com relação ao entendimento na área econômica que fica estabelecida entre os agentes formadores da cadeia. Sendo assim, o estudo de uma cadeia de produção deveria adotar dois níveis: o nível técnico e o nível econômico.

Podemos destacar dentro desta lógica técnico-econômica, Batalha (1997, p. 42) que define uma cadeia de produção como sendo “a soma de todas as operações de produção e de comercialização necessárias para passagem de uma ou mais matérias-primas de base a um produto final, isto é, até que o produto chegue às mãos de seus usuários, seja ele um particular ou uma organização”.

Em contrapartida fica a visão de Morvan apud Batalha (1997, p.40) o qual propõe que “as análises das cadeias produtivas sejam baseadas em três fatores: a tecnologia, os mercados e os produtos”. Segundo esse enfoque, as superposições destes três elementos definiriam uma cadeia de produção dentro de uma visão estática. A visão dinâmica seria representada pela consideração simultânea destes três aspectos ao longo do tempo. Com isso uma modificação em qualquer um destes fatores poderia afetar diretamente os outros dois e, desta forma, relançar a dinâmica interna de funcionamento da cadeia de produção.

2.3.4 Cadeia de produção como metodologia de análise de estratégia das firmas

Com a evolução do estudo da cadeia de produção, as firmas na hora de tomar uma decisão, poderão levar em conta o fato de continuar na mesma cadeia em que se estão inseridas, ou posicionando ela de forma diferenciada dentro da mesma, ou seja, fazendo uma análise de uma cadeia a qual a empresa não está presente, mas que possua interesse em continuar.

Existe autores que se apoderam de pesquisas mais aprofundadas como podemos citar, BATALHA (1997) que afirma “que a delimitação do meio ambiente concorrencial de uma firma representa um dos grandes problemas de qualquer avaliação estratégica. As fronteiras desse “espaço estratégico” não são completamente definidas e mudam ao longo do tempo”. Uma análise com relação à cadeia de produção, tomada como base de ferramenta de observação da concorrência, se pode revelar um aspecto de reflexão muito interessante, no momento que tem como objetivo posicionar a firma na melhor situação possível que possa defender contra tendências de concorrência ou transformá-la em favor próprio. Para este autor a relação da firma com o seu meio ambiente concorrencial é um pré-requisito determinante para a limitação de uma estratégia, tendo em vista ser este um dos pontos fortes da análise de cadeia de produção que visa estimular estudos dessas relações, sejam elas tecnológicas ou econômicas.

Deste modo, esta abordagem não apenas considera as relações diretas entre os agentes econômicos, como também considera o grupo de articulações que formam a cadeia produtiva, visto que na visão do autor, representa uma forte ferramenta de análise para identificação, constatação e principalmente para o estudo das opções de tecnologia das firmas.

2.3.5 Cadeia de produção como espaço de análise das inovações tecnológicas

Em meio a muitos avanços a tecnologia ao passar dos anos vem se mostrando cada vez mais decisiva e acaba se tornando um fator explicativo das estruturas industriais e do comportamento competitivo das firmas. De modo geral, pode-se dizer que os estudos referentes ao assunto das inovações tecnológicas seguem dois caminhos distintos.

O primeiro se refere a conceitos e estudos empíricos, ou seja, toma como base a análise de muitos casos, e a partir daí propõe uma unificação dos métodos e dos resultados. O segundo, com base mais definida e teórica apoia o conceito de analisar os processos de inovações e valorizar as tecnologias como forte arma competitiva. Este último conceito busca sistematizar as análises que ligam os procedimentos de gestão à tecnologia (BATALHA, 1997).

Para o autor, uma inovação tecnológica pode ser classificada conforme a “natureza essencial da ideia inovadora”. Essa classificação resulta em inovações de caráter

predominantemente tecnológico (Technologie plush) ou mercadológico (marketing pull). Assim sendo, a partir de tais definições foi possível confeccionar esta tecnologia em uma embalagem (QUADROS, 2001, P.27).

No caso dessas tecnologias, observa-se que estão relacionadas a atividades como novas formas de distribuição, novas formas de embalagens, reposicionamento do marketing de um produto, novo modo de pagamento ou financiamento do consumidor, etc.. Esse tipo de inovação representa, em geral, investimento menos importante e, por consequência, com menor risco para a firma. No caso das firmas agroindustriais, e principalmente no das firmas agroalimentares, a maioria das inovações é do tipo marketing pull, sendo os novos produtos, sobretudo, o resultado de novas formulações ou novas embalagens (DUARTE, 2002, p.20).

3 CARACTERIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DO SETOR FUMAGEIRO NO MUNDO E NO BRASIL

3.1 História e importância do fumo no mundo

O hábito de fumar é muito antigo na civilização humana. Os registros históricos relacionados à cultura fumageira, datam de aproximadamente quatro mil anos atrás, período em que o fumo começou a ser cultivado e usado. Entretanto, o fumo já era cultivado pelos Maias na região da América do Norte e América Central. Na América alguns povos indígenas já utilizavam o fumo em cerimoniais religiosos, acreditando que a inalação da fumaça produzida por ele, os aproximava dos deuses.

Os missionários e descobridores foram as primeiras pessoas a levar as sementes de fumo para a Europa. Os estudos feitos em torno deste assunto revelaram que o cultivo inicial foi feito apenas por curiosos, e não em escala de comercialização. No início do século XVI, o embaixador da França em Portugal, Jean Nicot, foi quem iniciou o cultivo da planta para o consumo próprio, a princípio por acreditar que ela possuía efeitos medicinais, posteriormente essa substância passou a ser denominada de “nicotina”, em homenagem a Nicot.

Partindo do hábito sagrado de fumar dos indígenas ao medicinal de Nicot, o fumo passou a ser considerado pelo mundo um hábito de prazer. Embora sendo de alto custo, seu consumo espalhou-se rapidamente. Entre 1650 e 1750, com a grande expansão do comércio ultramarino, o tabaco foi distribuído por todo o mundo.

Em terras Norte Americanas, mais precisamente a colônia Inglesa da Virgínea, possuía solo e climas perfeito para o cultivo, e devido a essas características apropriadas começou o cultivo de fumo em escala comercial. “Esta produção comercial aumentou rapidamente passando de uma tonelada, em 1610, para 680 toneladas em 1628 e 46 mil toneladas em 1775, no início da Guerra da Independência Americana” (Bonato, 2006, p. 4).

Com o aumento do consumo, as folhas do fumo tornaram-se escassas e mais caras, fazendo com que os governantes da época cobrassem pesadas taxas e tributos para a importação e o consumo do produto. Com relação à Europa, os governantes se preocuparam em criar leis especiais que vetavam o cultivo ou controlavam rigorosamente a cultura. Para os produtores, a venda do fumo somente era permitida mediante uma licença especial.

Um dos fatores que mais influenciou o consumo do fumo no início do século XIX foram as guerras na Europa, onde se iniciou a comercialização de novos tipos de cigarros e derivados vindos de diversas partes do mundo. Outro fato importante foi o começo do consumo do charuto na Europa, através dos soldados franceses e ingleses, durante o período da guerra Peninsular (1808-18013), que se espalhou por todo o continente, mas com o decorrer do tempo o cigarro o superou.

Já na era das máquinas, o cigarro tornou-se mais acessível devido a sua fabricação fácil e rápida, barateando dessa forma seu preço diante de outros produtos derivados do fumo. Com isso a aquisição para classe de baixa renda tornou-se mais fácil, mas o fator que foi decisivo na popularização do cigarro pelo mundo foram as duas grandes guerras, pois este passou a ser companhia certa para os soldados nas noites frias em meio à guerra.

Com o passar dos anos, já na década de 60, os filmes e as propagandas transformaram o hábito de fumar em um fenômeno de moda que foi perpetuado até os anos noventa, período marcante do início das ações de controle ao fumo, diminuindo assim o consumo de cigarros. Mas as políticas de incentivo à livre produção e comercialização do fumo principalmente China e Leste Europeu têm mantido constante o mercado do fumo no mundo.

3.2 Espécies de fumo

Os principais tipos ou qualidades de fumo plantadas no Brasil possuem diferentes períodos de maturação. As principais qualidades podem se descritas da seguinte forma:

A espécie Virgínia tem suas peculiaridades, pois possui um ciclo mais longo, os pés não são cortados, entretanto suas folhas são retiradas, respeitando o amadurecimento. Cada camada retirada é levada à estufa onde é feita a secagem, que possui duração de cerca de 4 a 5 dias conforme o tamanho e o clima. Logo após é retirado da estufa e recolhido ao galpão de estocagem, onde é feita a classificação. Por fim, é enfardado e está pronto para a comercialização (DADOS DA AFUBRA).

Outra variedade é o Burley que possui um ciclo mais curto, se colhe apenas uma vez, é cortado bem rente ao solo, possui um caule firme e razoavelmente duro, e depois de cortado é posto para secar de ponta cabeça em galpões, coberto e sem paredes pra facilitar a secagem. Após cerca de 50 dias a secagem é totalmente completada e a partir deste ponto é feita a classificação, que nada mais é do que a separação de suas folhas por classe, depois disso toda

a produção é enfarda para facilitar o transporte, e está pronto para ser comercializado (DADOS DA AFUBRA).

O Fumo da variedade Comum é pouco plantado nesta região, pois possui pouco mercado e é extremamente difícil de ser colhido devido ao alto teor de substância que envolve suas folhas, mas o método de colheita, secagem, armazenagem e classificação é basicamente o mesmo do Burley, porém possui um valor bem inferior (DADOS DA AFUBRA).

Para os fumos de galpão Burley e Comum, o solo fraco e argiloso é o mais recomendado. O solo tem de estar drenado e profundo, com pH ao redor de 6,0 e com bom conteúdo de matéria orgânica. Isso reduz a necessidade de usos de insumos externos, sobretudo agrotóxicos, conforme argumentou (LIMA, 2000).

3.3 O fumo no Brasil

Segundo o escritor Jean B. Nardi, na obra *A História do Fumo Brasileiro*, vem à tona uma hipótese que ressalta a probabilidade da planta ter sido originada nas regiões orientais da cordilheira dos Andes, mais precisamente na Atual Bolívia, e se distribuindo pelo território dos tupis guaranis, que hoje se compreende o Brasil, através das migrações indígenas que eram frequentes naquela época. Segundo Nardi foi assim que o fumo se espalhou, e logo após a chegada dos europeus, se tornou ainda mais popular, pois as tribos indígenas que já conheciam o fumo trocavam-no por outros adornos com os portugueses, difundindo a produção em toda costa Brasileira. Ao passar dos anos, os índios foram percebendo que estavam perdendo território, o que iniciou um ciclo de guerras de índios contra colonizadores. Devido a esta constatação pode-se concluir que o fumo teve influência na história do Brasil nos primórdios de sua colonização.

Já as primeiras lavouras de fumo no Brasil foram surgindo devido à necessidade de garantir o próprio sustento, pois através do cultivo e evidentemente da venda é que os nativos teriam condições de trocar ou até mesmo comprar mantimentos. Conforme o mercado foi crescendo e se estruturando os portugueses começaram a ver que esta atividade era lucrativa, pois poderiam vender para toda a Europa. O fumo foi cultivado por colonos em pequenas áreas, com mão de obra familiar e dessa forma vinha de encontro à cana-de-açúcar que era cultivada em grande escala por fazendeiros que utilizavam de mão de obra escrava.

Durante a ocupação holandesa em Pernambuco (início do século XVII), “o fumo produzido ocupou papel importante na carteira comercial de produtos oferecidos pela Companhia das Índias Ocidentais”. Com o estabelecimento definitivo dos portugueses no Brasil, começaram a aparecer às primeiras legislações reguladoras da atividade (BONATO, 2006, p.5).

No ano de 1674, após vários percalços e negociações foi constituído o monopólio português do tabaco através da Junta de Administração do Tabaco, o que significou o início de uma pesada tributação sobre este. O fumo produzido no Brasil passou a ter três destinos principais. A mercadoria que era considerada de primeira e segunda qualidade era totalmente exportada para Lisboa e a maior parte (cerca de 60%) era redistribuída para outros países europeus. Já outra parte, considerado fumo de terceira qualidade, tinha como principal papel a serventia como moeda de troca para o comércio escravista que era negociado com a África no período colonial, o resto destinava-se ao consumo interno.

Durante os séculos XVII e XIX, a cultura do fumo teve um importante papel no intercâmbio com a Inglaterra em troca de novos escravos africanos, renovando assim as forças de trabalho que eram utilizadas nas grandes propriedades rurais que na época produziam cana-de-açúcar e café (Nardi, 1996).

O comércio fumageiro no Brasil contava com o fumo baiano que passou a ser o principal gênero de comércio no escambo dos escravos com a África até 1850, com o seu auge chegando a representar 30% das exportações de fumo no Brasil Colonial. “Já nos tempos contemporâneos nas três primeiras décadas do século XX, ocorreu a concentração espacial, agrícola e industrial, assim como o estabelecimento das estruturas atuais. O fumo passou a ser cultivado também em Minas Gerais, Goiás, São Paulo e, sobretudo, no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, com a chegada dos imigrantes europeus, principalmente os alemães e italianos, com ênfase particularmente nas colônias de São Leopoldo e Santa Cruz do Sul – RS”(Bonato2006,p.5)

O Brasil é o segundo maior produtor mundial de fumo em folha com 13,5% da produção mundial em 2006, atrás somente da China que produz 40,92% do total produzido no mundo.

3.3.1 Produção e Consumo de fumo no Brasil

A produção agrícola e o conjunto das atividades econômicas vêm sendo influenciada pela globalização da economia, contribuindo dessa forma para o desenvolvimento da agricultura em âmbito funcional e moderno que está sendo regulada pela produção e distribuição globalizadas. Isso ocorre com frequência nos países periféricos onde a produção agrícola serve de subsistência para a melhoria da qualidade de vida da população rural.

Conseqüentemente a produção agrícola passou atender a demanda dos mercados interno urbano industrial e também atendendo ao mercado externo por conta das exportações de matéria prima sem beneficiamento ou com alguma transformação industrial. A globalização da economia vem possibilitando novas condições e características para o desenvolvimento da produção agrícola. Lembrando que a guerra fria apresentou um retorno à expansão da economia de mercado em escala global buscando modernização tecnológica, redução de gastos, e a viabilidade econômica.

Cabe lembrar que neste período o desenvolvimento estava fortemente ligado ao setor tecnológico destacando inovações na área da biotecnologia vegetal, na microeletrônica e tecnologia da informação com ênfase no setor agropecuário e do aumento do grau de concentração de capital (Mazzali, 2000). Os circuitos globais de produção agrícola como a reorganização da produção com base na valorização das ofertas locais ou regionais de incentivos e de fatores de produção foram atrativos para a acumulação de capital das corporações multinacionais (BONANNO, 1999).

Com base nesses argumentos as transformações que giram em torno do mercado mundial de fumo em folha, levando em conta a forma de organização e as estratégias competitivas das grandes empresas multinacionais que controlam hegemonicamente a cadeia de produção do tabaco.

Quadro 1. Tabaco em folha: produção, consumo e estoques mundiais, em toneladas, 1990 a 2008

Ano	Produção	Consumo	Estoques
1990	6.264.012	6.340.388	6.397.740
1991	6.140.454	6.262.410	5.942.813
1992	7.330.718	6.777.016	7.313.470
1993	7.325.157	6.958.079	7.688.324
1994	5.608.479	6.840.967	6.528.411
1995	5.570.410	6.305.600	5.762.100
1996	6.598.839	6.288.825	5.879.230
1997	7.761.980	6.210.117	6.750.478
1998	6.824.952	6.277.936	6.721.152
1999	7.301.898	6.420.555	6.213.558
2000	6.129.606	6.134.730	7.191.020
2001	5.581.001	6.433.790	7.362.260
2002	5.753.323	6.594.090	7.188.960
2003	5.761.848	6.631.050	6.673.090
2004	5.765.155	6.310.000	5.252.000
2008*	6.306.020	6.002.220	5.056.760
Fonte: USDA (2009) e *AFUBRA (2010). Org. Rogério Silveira.			

Fonte: Silveira, 2009.

Pode-se analisar que no Quadro 1 no período que compreende os anos de 1990 a 2008, em especial na década de 90, o mercado de fumo em folha teve momentos de oscilações na produção, que varia entre 5,5 e 7,7 milhões de toneladas o que ajudou a estabilizar a demanda de consumo de fumo em folha em torno de 6,3 milhões de toneladas. Devido a este fato os níveis de estoques internacionais de fumo também acabaram oscilando.

Nota-se que no período entre os anos de 2001 a 2004 existe uma relativa estabilidade dos níveis da produção de fumo, em torno de 5,7 milhões de toneladas e do consumo em cerca de 6,4 milhões, resultando em uma maior redução dos estoques mundiais de fumo em folha, e a valorização do preço do fumo no mercado internacional. Este fato ajudou para que no ano de 2008 houvesse uma retomada do crescimento da produção mundial com o aumento de quase um milhão de toneladas.

Quando nos referimos em evolução cabe lembrar que os anos 90 ficaram marcados com o surgimento das primeiras ações de controle do cigarro o que resultou na diminuição do consumo de cigarros pelo mundo. Na atualidade apesar de existir políticas que visam proibir a liberação e abertura econômica para o comércio do fumo, alguns países como a China e Leste Europeu ainda defendem a ideia do livre comércio de cigarros e derivados, motivo pelo qual o mercado do fumo não se estagnou totalmente no mundo.

Nos anos posteriores a reação do setor fumageiro não foi diferente, pois em um ano a produção se destaca, e em outro ano sofre influências de políticas negativas à produção. Como podemos observar no quadro a seguir

Quadro 02: Evolução de produção mundial de fumo em folha

Ano	Produção	Var.(%) Anual
2000	6.582.340	-
2001	6.111.220	(7,16)
2002	6.555.690	7,27
2003	6.500.140	(0,85)
2004	6.961.220	7,09
2005	7.022.370	0,88
2006	6.937.080	(1,21)
2007	6.424.090	(7,39)
2008	6.348.020	(1,18)
2009	6.904.210	8,76
2010	7.095.000	1,41

Fonte: ITGA (Associação Internacional dos produtores de Tabaco)

Observa-se no quadro 02, que o setor fumageiro do ano 2000 a 2010 praticamente se estagnou, pois se analisarmos durante este período, notaremos que cinco anos foram negativos, mas mesmo assim contabilizou-se um aumento de 7,62 durante o período, obtendo-se um aumento real anual de 0,72% na produção do fumo durante esse período.

O fumo passou a ser cultivado também em Minas Gerais, Goiás, São Paulo e, sobretudo, no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, com a chegada dos imigrantes europeus, principalmente os alemães e italianos, com ênfase particularmente nas colônias de São Leopoldo e Santa Cruz do Sul - RS.

A cultura fumageira é uma das principais atividades da agricultura da região Sul do Brasil, assinalado fundamentalmente através de uma produção familiar em pequenas propriedades abrangendo desde o Rio Grande do Sul, passando por Santa Catarina até chegar ao Oeste Paranaense. A Souza Cruz é a agroindústria tabaqueira que tem mais representatividade no país. Cabe à agroindústria, no fluxo produtivo, o beneficiamento do fumo, a fabricação de cigarros, a distribuição dos produtos e também estudos para outras aplicações para a folha do fumo.

As relações firmadas entre a agroindústria (Souza Cruz) e a produção (pequenos produtores rurais) ocorrem em um clima de parceria estratégica explícito nos programas socioambientais promovidos pela organização. Nesse sentido, os produtores rurais não são apenas meros fornecedores de insumos para a agroindústria, ao mesmo tempo em que a Souza Cruz não somente explora a região para seu próprio desenvolvimento. O desenvolvimento passa então a ser visto sob o ponto de vista territorial, com ações voltadas para o desenvolvimento local sustentável dos agentes econômicos. Fonte: mercado mundial do tabaco.

4 A CARACTERIZAÇÃO NO SETOR FUMAGEIRO NO RIO GRANDE DO SUL

4.1 Cadeia de Produção Fumageira no Rio Grande do Sul

O Rio Grande do Sul é o Estado que apresenta maior produção de fumo em folha. Sua produção era de 278.928 toneladas em média no ano de 1998 a 2000, passou para 320.034 toneladas na média de 2001 a 2003 e contabilizou 462.014 toneladas na média de 2004 a 2006, o que representa 51,12% da produção nacional (AFUBRA).

A maioria, se não todas as produções acadêmicas voltadas à produção de fumo, apontam o estado gaúcho, precisamente a região de Santa Cruz do Sul, como o espaço geográfico onde a economia do fumo concentrou seu crescimento. Foi neste município que os primeiros colonizadores vindos da Alemanha em 1849 iniciaram suas atividades agrárias, movidas por força de trabalho essencialmente familiar.

No início da colonização, os imigrantes organizaram uma economia de subsistência quase absoluta, incluindo a produção de fumo em corda e em folha. Tanto os alimentos como os utensílios básicos e as vestimentas eram produzidos por eles próprios. O consumo de mercadorias externas ao estabelecimento agrícola limitava-se, segundo Cunha (1991), ao sal, ao café, ao ferro (na forma de ferramentas) e algum tecido, usualmente adquiridos em casas de negócios, chamadas pelos imigrantes de “vendas”. Os primeiros cultivos realizados na colônia de Santa Cruz pelos imigrantes resultaram do conhecimento deles próprios, herdado do solo pátrio, no Velho Continente. Fonte: (SOCIOLOGIAS 197 Sociologias, Porto Alegre, ano 9, nº 18, jul./dez. 2007, p. 190-225)

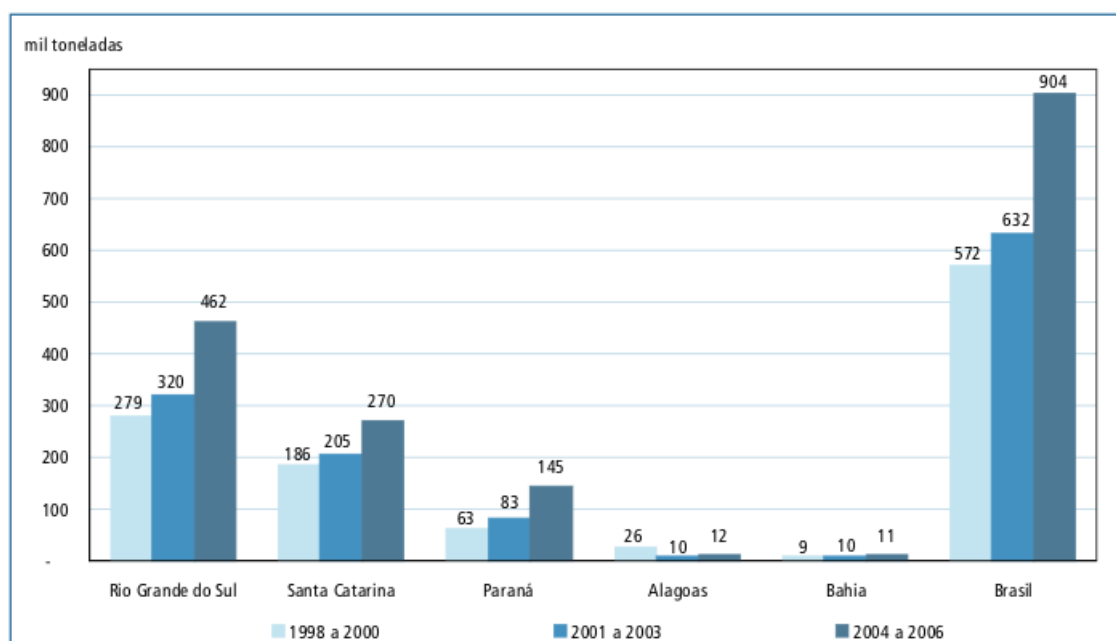
As sobras da produção agrária eram trocadas nas casas comerciais da nova povoação de Santa Cruz do Sul, e nas casas das linhas coloniais que iam surgindo, por mercadorias não produzidas na unidade doméstica. No princípio da colonização, as transações nunca envolviam moeda, mas se concretizavam à vista (pagamento imediato).

A prática de trocas comerciais sem dinheiro, realizada nos primeiros anos da povoação, permitia aos comerciantes (vendedores) acumular mercadorias que, primeiramente eram levadas em carroças ou caravanas de burros até Rio Pardo. De lá, por via fluvial, o fumo prensado chegava principalmente a região de Porto Alegre. Da capital gaúcha, o produto era transportado em navios para a Alemanha e outros países Europeus.

Devido a esta série de fatores históricos, o Rio Grande do Sul se consolidou como um forte produtor no setor fumageiro com 220.512 hectares de área plantada (IBGE,2010), totalizando 343.482 toneladas produzidas, com rendimento médio de R\$ 1.988.409.000,00 no ano de 2010, (IBGE,2010), correspondendo a 45% de todo o valor comercializado de fumo em folha da região sul do Brasil, que diz respeito aos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. A maior parte dessa produção é destinada a exportação, sendo que as principais empresas exportadoras são as conhecidas agroindústrias, das quais podemos destacar as empresas conveniadas a SINDIFUMO: BRASFUMO (Indústria Brasileira de Fumos LTDA.), Alliace One antiga –CTA (Continental Tobaccos Alliance S.A.) e Dimon Exportadora de Fumos LTDA., Industrial Boettcher de Tabacos LTDA., INTAB (Indústria de Tabacos e Agropecuária LTDA.), Irmãos Zanotta da Cruz & Cia. LTDA., Kannenberg & Cia. LTDA., Kannenberg, Barker, Hail & Cotton – Tabacos, LTDA., Meridional de Tabacos LTDA., Phillip Morris Brasil S.A., Souza Cruz S.A. Sul, e Universal Leaf Tabacos LTDA estas agroindústrias são as responsáveis por mais de 90% das exportações do Rio Grande do Sul. (AFUBRA).

Veja a figura a seguir:

Gráfico 1 Produção média de fumo no Brasil e dos principais estados produtores – 1998 a 2000, 2001 a 2003 e 2004 a 2006



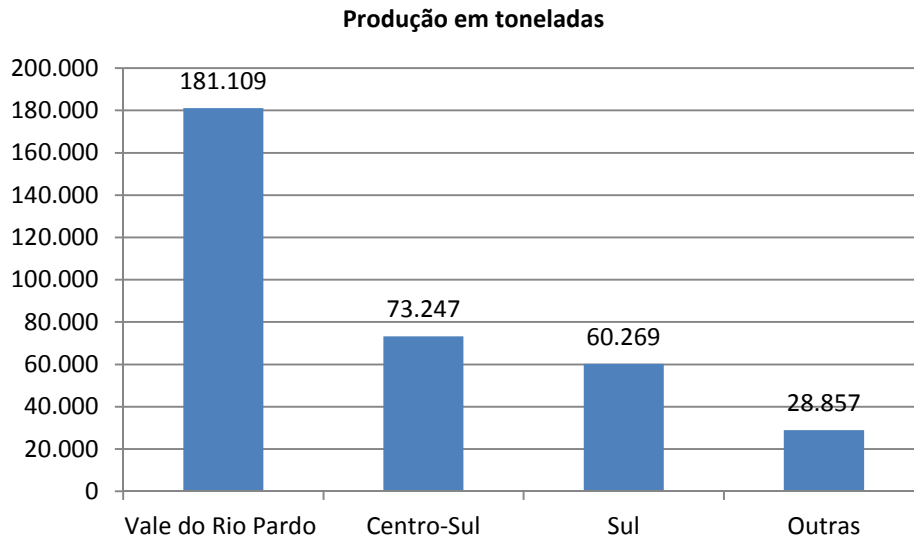
Fonte: Disponível (<http://www.scp.rs.gov.br>)

Como se pode observar no gráfico 1, o Rio Grande do Sul possui a maior parte da produção fumageira no Brasil, ou seja, este estado apresenta a maior produção de fumo em folha. Sua produção era de 278.928 toneladas na média de 1998 a 2000, passou para 320.034 toneladas na média 2001 a 2003 e contabiliza 462.014 toneladas na média 2004 a 2006, o que representa 51,12% da produção nacional. Observa-se também nesse gráfico, que existe um comparativo com os outros estados produtores de fumo no Brasil. A evolução aconteceu em todas as esferas, porém o Rio Grande do Sul foi o único que obteve um aumento mais significativo em relação aos outros durante o período de 2004 a 2006. O Brasil de modo geral também obteve avanços significativos durante esse mesmo período.

4.2 Municípios produtores de fumo no estado

No Estado a cultura do fumo é típica de pequena propriedade, e a maior produção está localizada em torno das indústrias de transformação e beneficiamento, onde se destacam algumas regiões. Como podemos observar no gráfico 2 abaixo:

Gráfico 2: Principais regiões produtoras de fumo no RS



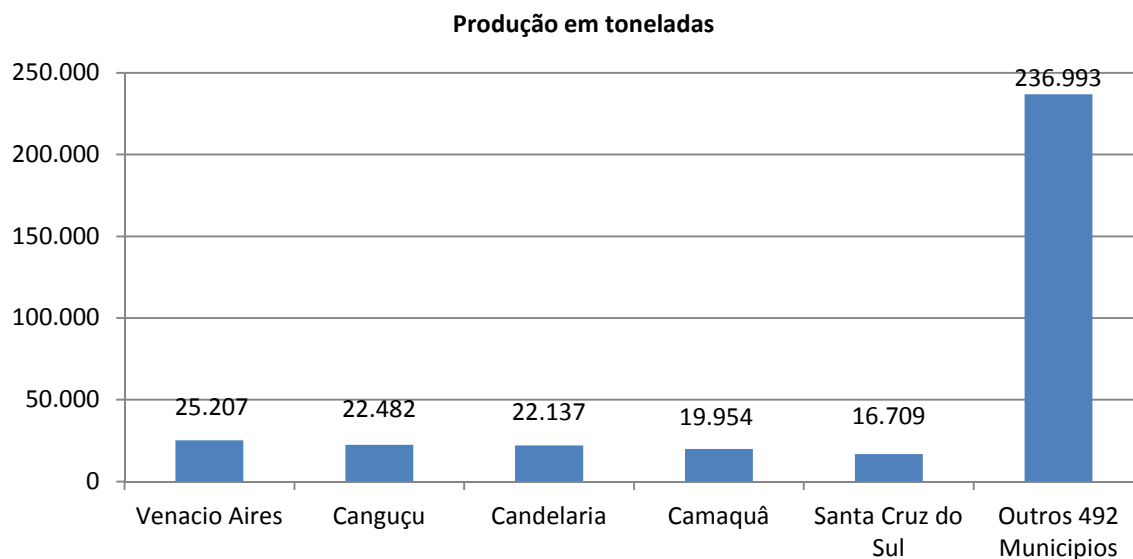
Fonte: (<http://www.scp.rs.gov.br>)

Com base nestes dados constata-se que a região do Vale do Rio Pardo é a maior produtora do Estado com 181.109 toneladas, ou seja, 39,2% da produção gaúcha. As outras duas regiões possuem produção significativa; a região Centro-Sul com 73.247 toneladas e a região Sul com 60.269 toneladas de fumo. Tomando por base esses dados, é que se nota a importância destas regiões em contexto nacional.

No Rio Grande do Sul, os municípios de Venâncio Aires, Canguçu, Candelária, Camaquã, São Lourenço do Sul, Santa Cruz do Sul, Dom Feliciano, Vale do Sol, Vera Cruz, Pelotas, Sinimbu, Rio Pardo, Barros Cassal, Agudo, Cerro grande do Sul, Boqueirão Leão, Barão do Triunfo, Arroio do Tigre, Passo do Sobrado e Chuvisca são os maiores produtores de fumo. O município de Venâncio Aires, por exemplo, lidera com 25.207 toneladas. Cabe ressaltar que a região do Vale do Rio Pardo arrecada 2/3 de seus impostos proveniente das indústrias fumageiras. Fonte: AL/RS (Assembleia Legislativa RS)

Com relação aos municípios que mais produzem a cultura do fumo, grande maioria deles está situada justamente nestas regiões como se observa no gráfico a seguir:

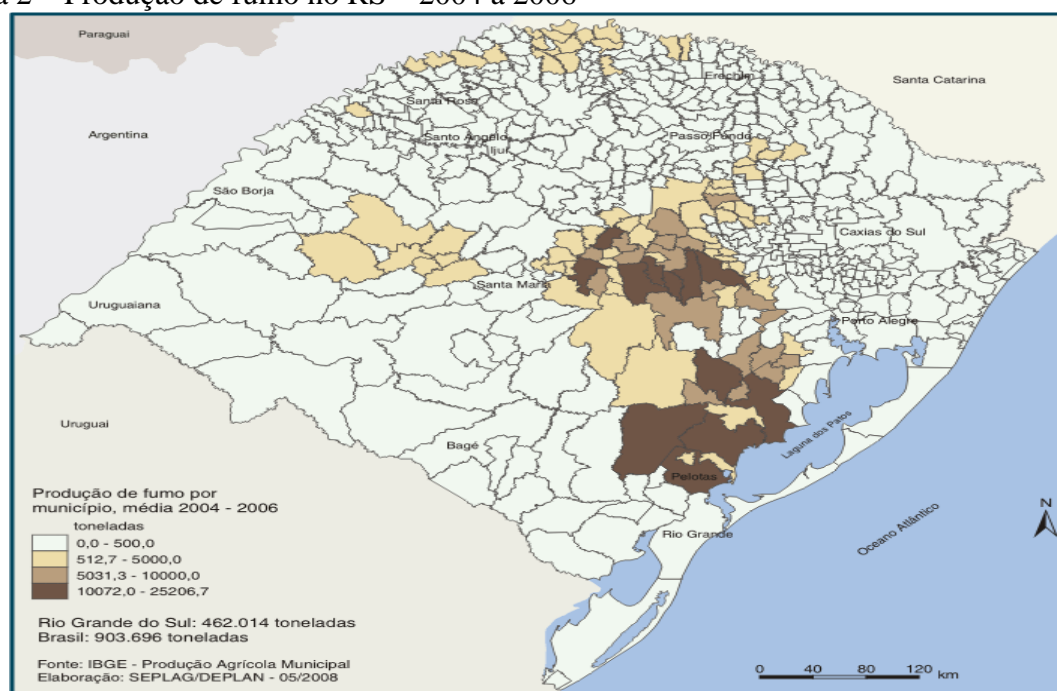
Gráfico 3: Principais Municípios produtores de fumo no RS.



Fonte: (<http://www.scp.rs.gov.br>)

Os municípios de Venâncio Aires, Candelária e Santa Cruz do Sul, fazem parte da região do Vale do Rio Pardo, ou seja, três dos cinco maiores produtores de fumo no estado do Rio Grande do Sul são desta região. Já o município de Canguçu faz parte da região Sul que também é uma grande produtora de fumo juntamente com a região Centro-Sul onde está localizado o município de Camaquã.

Figura 2 – Produção de fumo no RS – 2004 a 2006



Disponível em (<http://www.scp.rs.gov.br/atlas/atlas.asp?menu=266>)

Na figura estão destacados os municípios que cultivam a produção do fumo no estado do Rio Grande do Sul. Nota-se que apenas 11 municípios em todo o estado possuem uma média elevada de produção de 10072.0 a 25206.7 dados esses do ano de 2004 a 2006.

5 CARACTERIZAÇÃO DO SETOR FUMAGEIRO NO MUNICÍPIO DE JACUIZINHO (RS)

5.1 Contextualização Histórica

A origem do nome Jacuizinho homenageia o rio que atravessa a cidade por ser uma das belezas naturais da região e também o principal afluente do Rio Jacuí, um dos maiores do estado. Outra versão aponta o nome como origem indígena, que significa o hibridismo de "Jacú" = ave galinácea + "Y" = rio com o sufixo luso acrescido ao nome guarani. Jacuizinho, uma história que começou em 1877.

O início da colonização deu-se no ano de 1877, quando fixaram residências as famílias descendentes de açorianos, alemães, espanhóis, italianos e negros, provenientes de localidades vizinhas, como Santa Cruz do Sul, Cruz Alta, Soledade, Cachoeira do Sul e outras. Esse cenário histórico descortina na Igreja Menino Deus, construída em 1883. Em seu altar está a imagem do menino Jesus, esculpida em madeira, que foi trazida para a localidade em 1880. Entre outros fatos pitorescos está a história dos Monges Barbudos que na metade do século passado fixaram residência na vila. Os alemães foram os pioneiros na colonização do povoado, todos os colonizadores vieram buscar um espaço, criando gado e plantando arroz para subsistência das famílias. Muitos chegaram com ofícios definidos e abriram pequenas fábricas, oficinas, ferrarias e olarias.

As casas construídas com arquitetura germânica caracterizavam bem o estilo europeu. Em 1890 surgiram as primeiras casas comerciais, como a fábrica de gasosa de Fritz Textor. A água usada era de uma fonte de água natural existente atrás de sua casa. A primeira Casa Comercial, conforme relato era de Catulina Kertch onde se vendia de tudo desde alimentos até tecidos. Por volta de 1894 surgiu a Casa Comercial de Jacó Kuhn, onde havia uma ferraria. A data de 13 de Janeiro de 1891 registra a criação e instalação do Cartório e Tabelionato Distrital de Jacuizinho. A partir dessas datas surgiram e marcaram a localidade diversos comércios e algumas instituições como a Casa Pinto de Joaquim Pinto, Casa e Sapataria de Afonso Moser, Farmácia de Pedro Lenemann e Farmácia do Solar, Hotel de Dona Érica Hibner, e um pequeno hospital, para estes fins, chegaram pessoas vindas de Soledade, Júlio de Castilhos e de outras localidades, tendo como transporte o lombo de mulas e carretas puxadas a bois, cobertas com capim Santa Fé.

Um rio e uma ponte; Um povo e uma Vila; Uma Vila, com histórias; E passagens; Passagens de gerações centenárias... Ah! O nome do Rio Jacuizinho, origem do nome da Vila... Jacuizinho, afluente do Rio Jacuí... Esses versos fazem parte do poema A Vila e a Cidade, de Cláudia Kellermann, que conta um pouco da história de Jacuizinho, que apesar de ser um dos mais jovens municípios da Rota das Terras, tem mais de 150 anos de história. Emancipado em 1996 e instalado oficialmente em janeiro de 2001, Jacuizinho era, já em 1858, distrito de Passo Fundo, depois de Soledade, Espumoso e Salto do Jacuí.

Em lei Municipal de Espumoso – Nº. 35 de 13-12-1955 foi criado o distrito de Jacuizinho. Em lei Municipal de Espumoso – Nº. 36 de 13-12-1955 foi criada a 2ª. Zona do distrito de Jacuizinho. Em Lei Municipal de Espumoso Nº. 1.059 de 16-10-1979 que alterou a Lei Nº. 35/55 criou o Distrito de Jacuizinho, 4º distrito de Espumoso, retificando as divisas distritais. A Criação do Município de Jacuizinho deu-se em 16 de abril de 1996, pela Lei Estadual nº 10.757, instalado em 01 de janeiro de 2001.

Atualmente o Município conta com apenas um Distrito, Jacuizinho, assim permanecendo até 2007. População 2010 2.507. Área da unidade territorial (Km²) *338,535. Densidade demográfica (hab/Km²) 7,41. Código do Município 431087. Gentílico, jacuizinhense.

5.2 Localização

O município de Jacuizinho está localizado no Planalto Médio do Rio Grande do Sul mais precisamente na microrregião do Alto da Serra do Botucaraí a uma distância de aproximadamente 300 km de Porto Alegre capital do Estado, possuindo diversos acessos alguns deles mais longes porém em melhores condições e outros mais perto porém com péssimas estradas. Jacuizinho está localizado na latitude sul 29° 01' e longitude oeste 53° 03' 48" (GPS). Neste município, predomina-se o clima subtropical, com temperaturas que podem variar durante o ano entre 0° e 36°, sendo a média anual 18°C. Limita-se com os municípios de Campos Borges ao Norte; Tunas e Salto do Jacuí ao Sul; Tunas e Espumoso ao Leste, e Salto do Jacuí a Oeste.

A área do município de Jacuizinho é de 315,67 km², onde predominam planícies e pequenas ondulações. Sua vegetação possui rica diversificação de madeiras nobres como o cedro, canela, araucária, angico, matas de galeria nas margens dos rios. Merecem destaque os

campos limpos e mistos, onde se criam bovinos, ovinos e cultiva-se soja, trigo, cevada, milho, fumo e feijão.

Possuindo um rico manancial de água doce podemos destacar os rios Jacuizinho e Caixão, os quais nascem de uma mesma vertente no município de Soledade, porém ambos seguem caminhos diferentes, e se encontram cerca de 80 Km, no município de Estrela Velha, assim formando uma espécie de ilha que é chamada de Complexo da Borboleta, pois a forma dos dois rios lembra muito uma borboleta. Vale lembrar que o município também é banhado pelas águas do maior lago artificial do Rio Grande do Sul, o Alagado do Passo Real com cerca de 24.882 hectares, que foi formado devido à construção de uma hidrelétrica que foi inaugurada no ano de 1973.

Jacuizinho possui 2.507 habitantes, sendo 1.283 são do sexo masculino, e 1.224 do sexo feminino. A densidade demográfica é de 7,41 habitantes por km². A população é predominantemente rural, com 1.945 habitantes, contra 562 que vivem na zona urbana. (IBGE, senso de 2010).

5.3 Meio rural

No município podemos destacar duas atividades econômicas predominantes: a agricultura e a pecuária. Conforme o Censo agropecuário de 2006 (IBGE), 583 estabelecimentos no município caracterizam-se de acordo com os parâmetros de pequena e média propriedade, conforme pode ser visto no quadro 3.

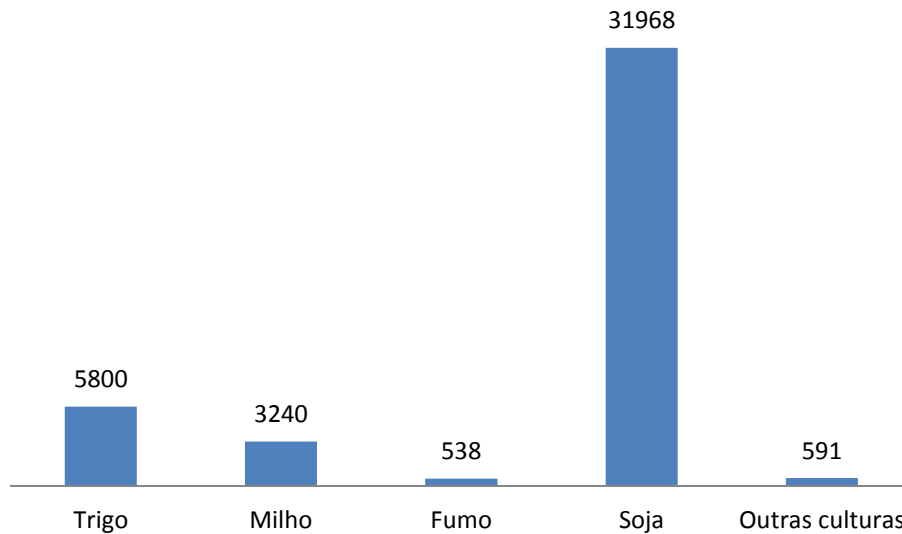
Quadro 3 - Estabelecimentos agropecuários de Jacuizinho no ano de 2006

Estabelecimentos	Nº	Equivalência total em hectares
Até 10 hectares	230	1.069
De 10 a 20 hectares	141	2.012
De 20 a 50 hectares	75	2.272
De 50 a 100 hectares	29	1.880
De 100 a 500 hectares	41	7.951
Mais de 500 hectares	12	12.177

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2006.

A agricultura é responsável pela geração da maioria dos empregos no município, além de ser uma das mais importantes fontes de receita, conta com diversas culturas dentre elas a de cereais como soja, milho e trigo, e a atividade leiteira e fumageira que responde por cerca de 60 famílias

Gráfico 4: Lavouras temporárias produção (em mil toneladas)

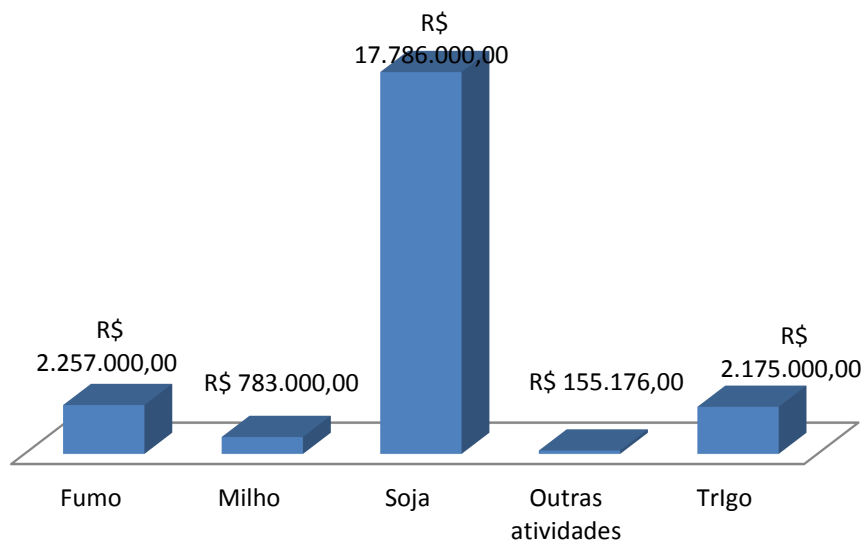


Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2006.

Com relação às lavouras temporárias cultivadas no município, conforme o gráfico 4, podemos destacar o percentual da soja e trigo, 76%, 14% respectivamente, em relação a outras culturas, porém estas culturas são produzidas predominantemente por grandes proprietários de terras. Em terceiro lugar se encontra o milho, e em quarto lugar está a produção fumageira, que é praticada por pequenos produtores, grande parte com áreas inferiores a de 10 hectares, ressaltando que nesta estimativa se leva em conta a produção medida em toneladas.

No gráfico5 é levado em conta o valor da produção de cada atividade.

Gráfico 5 - Lavouras temporárias produção em receita bruta (em reais)



Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2006.

Como podemos observar na figura 4, o fumo se encontrava em quarto lugar com relação à produção por toneladas. Mas na figura 5, que se leva em conta o valor bruto da produção em reais, o fumo ficou em segundo lugar, ou seja, a produção de fumo é extremamente rentável, pois apesar de baixa quantidade de produção no município, na hora de comercializar a safra o fumo possui um valor satisfatório, com relação a outros produtos como o trigo que a área plantada é muito superior.

6 RESULTADOS E ANÁLISE DA PESQUISA

6.1 Procedimentos metodológicos

Esta entrevista aborda a rotina dos fumicultores levando em conta a infraestrutura, a relação com as agroindústrias e fornecedores, os cuidados com o meio ambiente e relação com a tecnologia. No decorrer do estudo serão apresentados gráficos de dados fornecidos pela pesquisa para um melhor entendimento do assunto em pauta.

Figura 3: Mapa do Município de Jacuizinho.



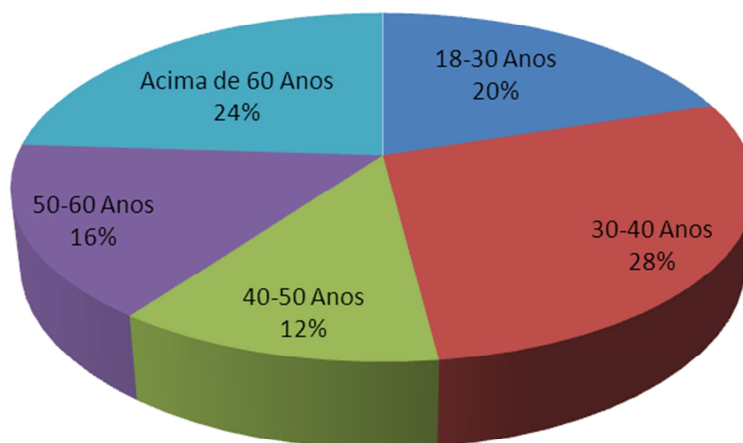
Fonte: <http://portal.cnm.org.br/040/V6/Mapas/images/100143482.gif>

6.2 Dados e análise da pesquisa

A idade e escolaridade dos fumicultores no primeiro item têm como objetivo caracterizar o produtor quanto à faixa etária. Verificou-se que a maioria dos entrevistados encontra-se na faixa de 30 a 40 anos, ou seja, 28% do total dos produtores. Igualmente com esse percentual encontram-se os produtores acima de 60 anos de idade, os quais ainda se encontram trabalhando da mesma forma de quando começaram essa cultura, utilizando-se de métodos rústicos, baixa otimização e pouquíssima competitividade comparado aos mais jovens de 18-30 anos (20%), estes possuem menos terras e plantam muito mais fumo, pois conhecem novas tecnologias, possuem tratores equipados e muito mais preparação, pois estão sempre inovando.

Gráfico 6 - Faixa etária dos fumicultores do município de Jacuizinho (RS), Maio 2012.

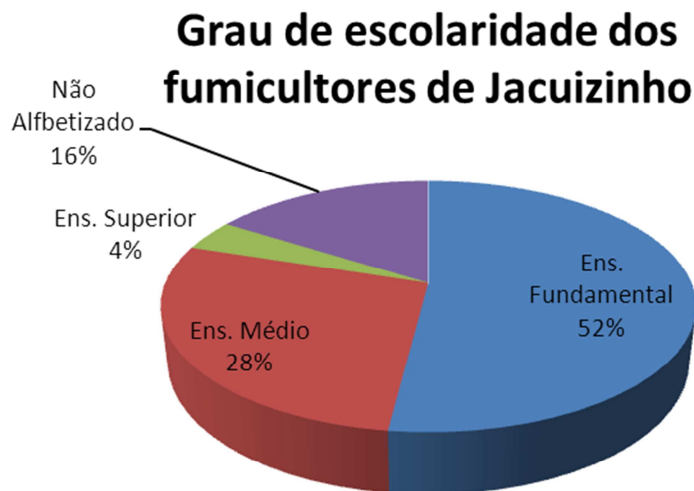
Média de Idade dos Fumicultores



Fonte: Dados da pesquisa.

Quanto à escolaridade, o gráfico 7 mostra que a maioria dos entrevistados, 52% possuem o ensino fundamental completo, já 28% possuem o ensino médio completo, por outro lado 16% dos entrevistados são analfabetos, ou seja nunca foram a escola, e apenas 4% possuem o ensino superior. Com estes dados é possível constatar que o baixo grau de escolaridade está diretamente ligado à baixa produtividade e ao baixo desenvolvimento tecnológico que as atividades fumageiras enfrentam.

Gráfico 7

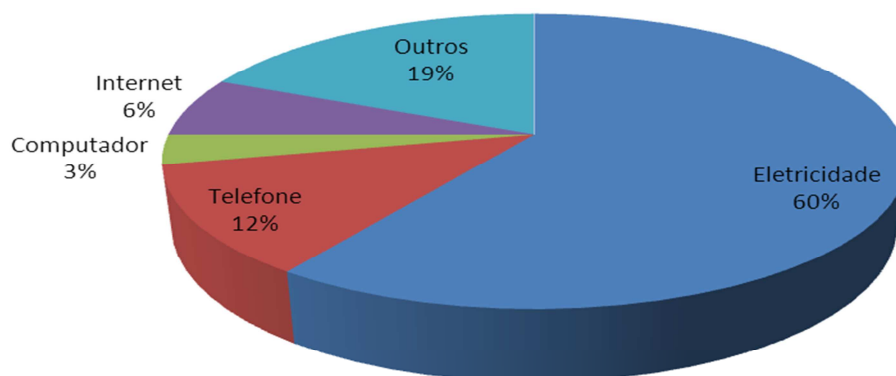


Fonte: Dados da pesquisa

Os elementos de infraestrutura utilizados como apoio na produção do fumo: Pode-se observar que a maioria dos fumicultores utiliza-se da eletricidade (60,6%) como a principal tecnologia em sua propriedade para o cultivo do fumo. Vale ressaltar que a eletricidade em si não configura uma tecnologia para a produção do fumo, mas ela permite que os fumicultores possam utilizar equipamentos mais modernos. Todos os fumicultores possuem eletricidade em suas casas, mas nem todos possuem eletricidade em seus locais de trabalho. Entretanto, 19% dos entrevistados se utilizam de outras tecnologias como, aparelho de pressão na estufa de secagem, GPS para posicionamento na propriedade na hora de passar os defensivos, entre outros. Já o telefone foi citado por 12,2% dos entrevistados como sendo uma tecnologia essencial, porque afirmaram manter contato com as agroindústrias. O computador faz parte dos recursos tecnológicos de apenas 3,3% dos entrevistados, visto que possuem planilhas e anotações com relação ao cultivo do fumo em seus computadores, ao passo que 6,6% dos entrevistados utilizam a internet para se inteirar de novas técnicas e notícias com relação a produção do fumo. Com estes dados identifica-se que 39,4% dos fumicultores não instalaram luz elétrica em suas infraestruturas de produção de fumo, não possuem eletricidade nos galpões, nas estufas e nem mesmo nos paióis de armazenagem, o que afeta a produtividade, impede a otimização de tempo e segurança, sem mencionar as outras tecnologias que não possuem.

Gráfico 8:

Elementos de infraestrutura utilizados como apoio na produção do fumo.

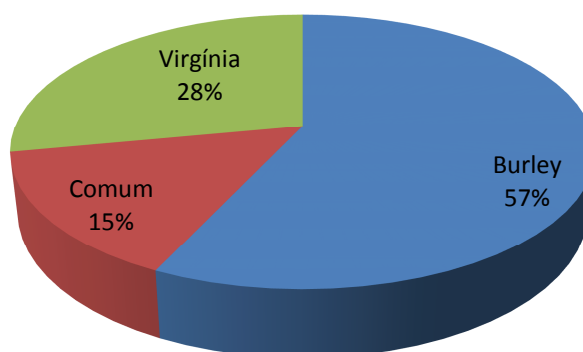


Fonte: Dados da pesquisa

No que se refere às espécies de fumo plantadas, a maior parte dos fumicultores entrevistados em Jacuizinho planta a espécie de fumo variedade BURLEY, com 57%. Em seguida tem-se a espécie de fumo VIRGÍNIA, com 28% dos produtores. Observa-se que os índices de Jacuizinho tomam direções opostas dos índices dos municípios da região, pois cabe lembrar que fumo de variedade VIRGÍNIA é o que se produz em maior quantidade, porém neste município o BURLEY é o que mais se adapta às condições do terreno.

Gráfico 9:

Espécies de Fumo Cultivado

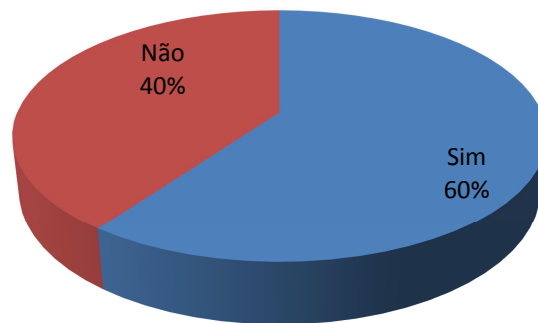


Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com as informações apresentadas no gráfico 10, dos fumicultores entrevistados 60% deles possuem vínculo com agroindústrias, os demais não possuem, ou seja, a maioria prefere trabalhar com acompanhamento e assessoria. Porém nota-se que os fumicultores que não possuem vínculos com agroindústria, pelo contrário que se imaginava, são os mais jovens, pois estes plantam por conta própria e procuram se aprimorar, descartando assim as agroindústrias que estão desde os primórdios da produção monopolizando este setor.

Gráfico 10:

Fumicultores vinculados a Agroindustria Fumageira.



Fonte: Dados da Pesquisa.

No caso que se refere ao motivo pelo qual o fumicultor se vinculou a agroindústria, verifica-se no quadro 4 que a resposta de 53,30% dos entrevistados foi para ter acesso à infraestrutura que essas empresas oferecem (insumos, fungicidas, agrotóxicos, sementes e variedades adequadas). 26,6% preferiam ter acompanhamento técnico na plantação e 20% para facilitar na hora de vender a produção, com isso se identifica que existe certa dependência por parte dos fumicultores com a agroindústria, pois todos se vinculam para possuir vantagens mesmo este recurso originando mais ônus do que se contratado fora da agroindústria. Por conta disso, os mais jovens não estão se vinculando, pois ser independente financeiramente pode ser mais vantajoso.

Quadro 4: Motivos pelos quais os fumicultores se vinculam a agroindústria

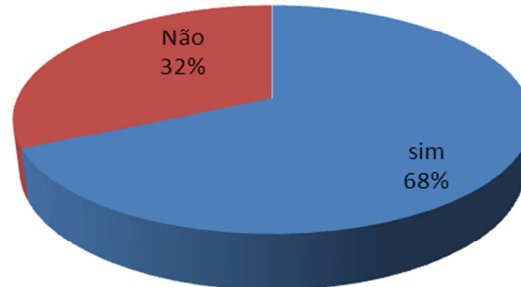
Para ter um acompanhamento técnico na plantação	26.6%
Facilidade na hora de vender a produção	20%
Ter acesso a infraestrutura que essas empresas oferecem (insumos, fungicidas, agrotóxicos, sementes e variedades adequadas).	53,3%

Fonte: Dados da pesquisa

Identificou-se através desta pesquisa que 68% dos fumicultores são associados a algum sindicato ao passo que obviamente 32% não são associados (figura 11). Portanto, constata-se que o baixo nível de instrução também reflete neste ponto, pois os sindicatos nada mais são do que sociedades civis organizadas, que possuem força de mobilização.

Gráfico 11:

Fumicultor Associado a Algum Sindicato.

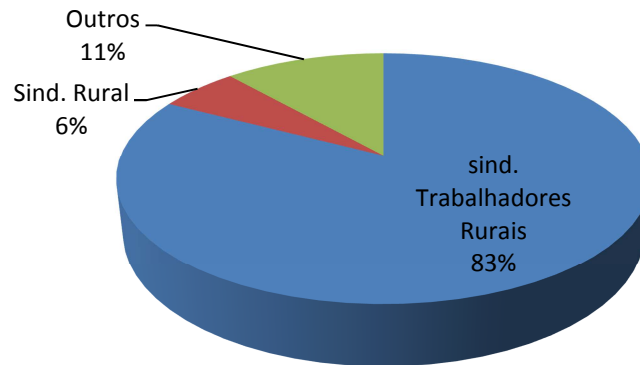


Fonte: Dados da Pesquisa

Dos 68% associados, 83,3 %, a grande maioria, é sócia em sindicatos dos trabalhadores rurais, 11,8% são associados de outros sindicatos (FRETAF-SUL, CUT, entre outros) e 5,8% são associados ao sindicato rural. Cabe ressaltar que o sindicato dos trabalhadores rurais é a entidade que mais mobiliza pessoas em toda a região, lembrando que estas instituições são de suma importância uma vez que através delas o fumicultor pode encaminhar benefícios como aposentadoria, auxílio doença, pecúlio, auxílio maternidade entre outros.

Gráfico 12:

Sindicato que os fumicultores estão associados.



Fonte: Dados da pesquisa.

A atividade fumageira não é diferente de outras quando se trata de fontes de informações, ou seja, de materiais que possam auxiliar o fumicultor. Como pode ser visto no quadro 5, a informação mais frequente ou utilizada é o rádio com (17,4%), pois é através dele que o fumicultor tira algumas dúvidas com relação ao modo de produção, ressaltando que na região de Jacuizinho e arredores o cultivo do fumo é muito grande sendo assim, nas emissoras de rádio o assunto sempre tem pauta garantida, com programas diários e muitas vezes com diversos enfoques durante a programação. Em seguida tem-se a televisão (14%) onde alguns canais como RBS – TV e TV Pampa abordam muito o assunto. Por outro lado, (14%) dos entrevistados comentaram que o técnico agrícola/orientador esclarece grandes dúvidas.

Portanto, identifica-se que neste item não existe um meio que se destaque relacionado a fontes de informações adequadas na atividade fumageira.

Quadro 5: Principais fontes de informações dos fumicultores.

Televisão	14%	Técnico (orientador/ técnico agrícola)	14%
Rádio	17,4%	Vendedor de equipamentos e/ou insumos	5,4%
Jornal	8,7%	Vizinho/amigo/parente	7,6%
Associação	4,3%	Indústria fumageira	8,7%
Sindicato	5,4%	Internet	5,4%
Outros	8,7%		

Fonte: Dados da pesquisa

No item 10 deste questionário verificou-se que 48% dos entrevistados participaram de cursos, dia de campo e reuniões técnicas sobre atividade do fumo, já 52 % responderam que nunca participaram, considerando que este é um fato muito agravante na relação de qualificação profissional, ou seja, a maioria não procurou participar das atividades para se atualizar nesse meio.

Dos que afirmaram participar dos cursos de atualizações, 75% responderam que a motivação resultou das indústrias fumageiras, neste caso específico o fumicultor que participou destes cursos nestas instituições não é vinculados necessariamente a elas, mas procurara por necessidade e vontade própria. Já 16,6 % participaram dos cursos motivados pelos sindicatos e associações, vale lembrar que neste item apenas 8,3 % foi motivado pela emater ASCAR (Associação Sulina de Capacitação e Assistência Rural) esta que é uma instituição que existe única e exclusivamente para fomentar a agricultura.

No item 12 do questionário que diz respeito ao fator principal de começar a plantar fumo, verificou-se que 28,6% afirmaram que o fumo é uma atividade muito lucrativa, a qual permite ganhos superiores à grande maioria de produtos conhecidos, visto que o cultivo do fumo tem seus pontos culminantes os quais costumam durar cerca de 6 meses, relacionando-se a planta e a colheita sendo que no restante do tempo, apenas se mantém a lavoura. Entretanto, outras culturas teriam que ser diárias independente da época, como é o caso da hortifruticultura e da produção de leite. Já com 21,4% houve empate por conhecer as técnicas de produção e por possuir pequena área de terra, fatores estes considerados pelo ponto de vista do autor, como principais apesar de não possuir o maior índice.

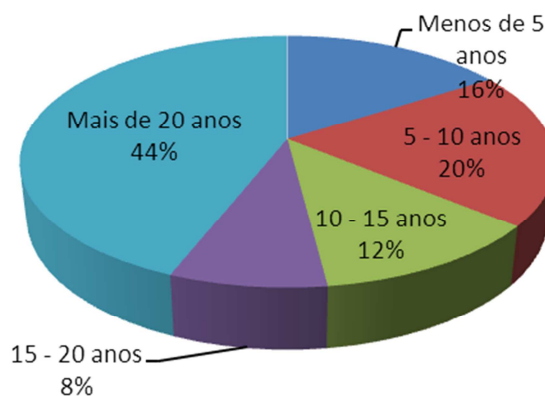
Ademais, foi através deste estudo que se pôde observar que na produção fumageira a faixa etária dos fumicultores é alta. Obviamente o setor fumageiro é um dos pioneiros na região, devido a isso muitos começam a produzir fumo, porque já nasceram em meio a esta cultura, e porque a maioria possui pequena propriedade. 17,86% dos entrevistados afirmam

que a atividade fumageira é a mais viável na região, por possuir uma forte cadeia produtiva. Por outro lado, 10,7% dos entrevistados afirmaram não ter outra opção a não ser produzir o fumo. Fazendo uma breve análise desses fatores pôde-se observar que todos estão entrelaçados nesta cultura, pois nenhum se destacou como os principais fatores para desencadear o início da produção nessa área.

No gráfico 13 fica evidenciado que a cultura fumageira no município de Jacuizinho é um dos meios de produção mais antigos, pois 44% dos entrevistados estão envolvidos com essa cultura há mais de 20 anos ao passo que apenas 16% cultivam fumo há menos de 5 anos, portanto deduz-se que esta atividade está perdendo espaço, e que as pessoas que continuam neste ramo são aquelas que conhecem os meios de produção juntamente com seus altos e baixos.

Gráfico 13:

Tempo em que o agricultor cultiva o fumo.



Fonte: Dados da pesquisa.

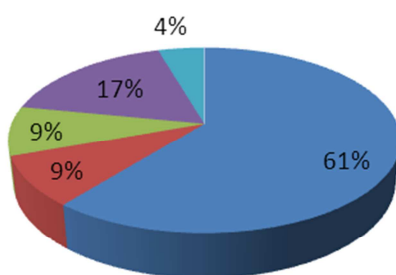
O item 14 diz respeito à assistência técnica. 60% dos fumicultores responderam que recebem tal assistência, mas isto não quer dizer que seja uma assistência qualificada ou que resulte em efeitos benéficos na propriedade com relação ao aumento de produção. Já 40% afirmaram que não recebem assistência técnica por acreditar não necessitar de ninguém assessorando em algo que conhecem tão bem. Dos fumicultores que afirmaram receber essa assistência técnica, 80% a recebem através da fumageira ou de um técnico especializado, já a

emater e os atravessadores, ou como conhecido entre os fumicultores “picaretas”, contribuem com 13,33% cada, na hora da assistência técnica em sua propriedade.

Como vimos anteriormente, para obter informações os fumicultores tentam escutar programas de rádio direcionados à cultura do fumo, assistir entrevistas e documentários a respeito desse assunto e até mesmo ler folhetos informativos. Segundo as informações do gráfico 14, para 61% dos entrevistados, as informações procuradas pelos fumicultores dizem respeito a cotação do valor por arroba (uma arroba é igual a quinze quilos), ou seja o valor em que valerá a arroba de fumo seco quando for comercializar a sua produção. A principal dificuldade de se encontrar essa informação se dá devido às mudanças rotineiras no preço do dólar que atua diretamente na cotação da arroba de fumo, pois os principais compradores são multinacionais tais como Souza-Cruz, Alliance-One, Universal- Leaff, Kannenberg , entre outras.

Gráfico 14:

Dúvidas frequentes dos fumicultores.



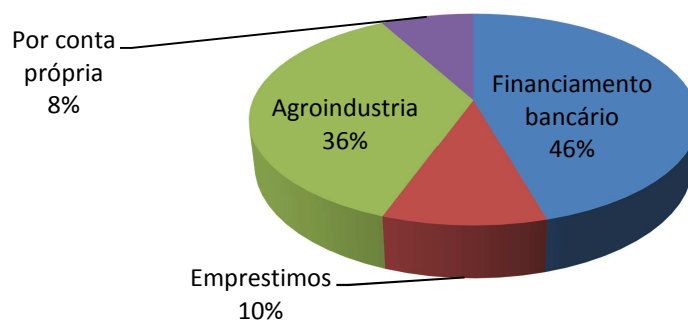
Fonte: dados da pesquisa.

De acordo com o gráfico 15, foi possível depreender que 64% dos fumicultores afirmam já ter adquirido algum financiamento bancário para investimento em equipamentos de infraestrutura, como estufa, galpão, entre outros. Por outro lado, os outros 36% nunca fizeram nenhum financiamento deste tipo, sendo assim afirmam que sempre compraram com dinheiro próprio sem a intervenção de banco ou credora. Portanto, no próximo item o percentual se altera, pois 76% afirmam que adquirem financiamentos para insumos agrícolas

ou para manutenção de lavouras, durante o plantio, cultivo e colheita. Muitos que não financiaram com fins de investimento, acabaram investindo para fins de plantio. Segundo os entrevistados as vantagens nesse sentido são maiores, pois se vier a ter uma frustração de safra, este financiamento poderá ser prorrogado ou até mesmo anistiado por medidas do governo; entretanto cerca de 46% dos fumicultores adquirem esse financiamento por meio de instituições bancárias, e 36% afirmam adquirir financiamentos pelas agroindústrias, lembrando que esta última apresenta mais facilidades na hora da aquisição, mas diante do pagamento é que são encontrados suas dificuldades. Caso o fumicultor esteja em débito com a fumageira, será obrigado a entregar sua produção para a agroindústria credora.

Gráfico 15:

Meios de financiamentos dos fumicultores.



Fonte: Dados da pesquisa.

A atividade fumageira é conhecida como uma cultura que emprega muitas pessoas durante o processo de cultivo. Observou-se que para 68% dos produtores 2 a 4 pessoas da família estão envolvidas diretamente nessa atividade. 24% afirmam que apenas uma pessoa da casa está envolvida na atividade, sendo assim contrata mão de obra temporária para suprir suas necessidades e apenas 8% afirmam que mais de 5 pessoas da família estão envolvidas na cultura.

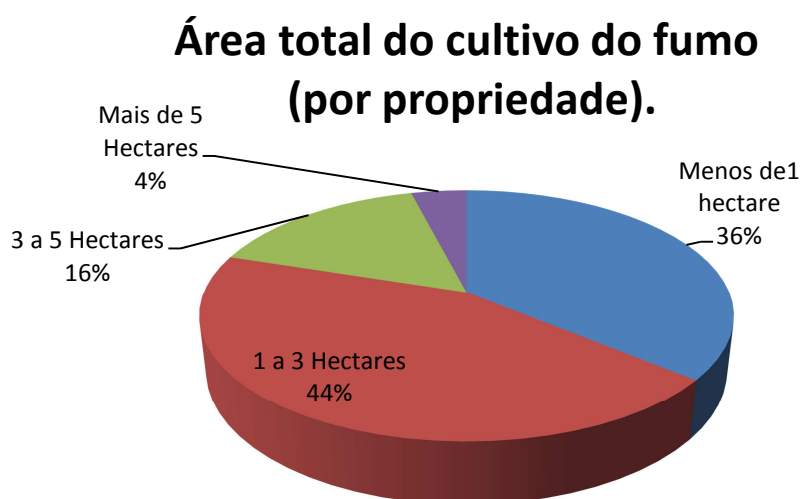
Antigamente as famílias do campo eram muito maiores, e havia mais pessoas do laço familiar envolvidas na atividade. Na atualidade, contudo, a realidade é outra, pois se percebe que as famílias estão menores, por conta disso há mais mão de obra contratada. Sendo assim

52% dos entrevistados afirmam que não contratam empregados durante o plantio devido às facilidades dos tempos modernos. 56% admitem contratar empregados temporários durante a colheita a qual tem prazo para ser feita, pois quanto mais tempo é dispensado para colheita maior a perda de produção e menor será o valor comercial. Mas o que se deve observar na parte da classificação do produto final, é o fato de que 56% afirmam que não contratam empregados para a classificação, pois o prazo de estocagem não interfere no valor agregado do produto, sendo assim o fumicultor espera a melhor cotação para vender seu produto, com isso tendo tempo para ele próprio fazer o serviço.

No se refere à área cultivada com fumo, ficou registrado que 52% afirmam possuir menos de 10 hectares, visto que a atividade fumageira por ser uma atividade familiar não abrange muita área a ser cultivada. Entretanto, o que mais chama a atenção é que 4% dos entrevistados possuem área acima de 100 hectares, visto que esses produtores estão situados em encostas de serras, ou seja, segundo eles próprios a atividade que mais se enquadra é a fumageira, apesar de terem outras fontes de renda (gráfico 16).

Levando em consideração a área total de produção destinada a cultura de fumo, 44% dos entrevistados afirmam utilizar de 1 a 3 hectares, e apenas 4% plantam mais de 5 hectares em sua propriedade.

Gráfico 16:

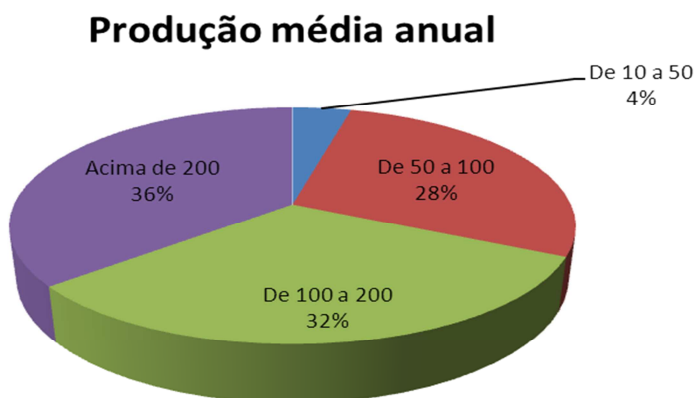


Fonte: Dados da pesquisa.

Estas propriedades segundo 44% dos entrevistados são próprias e foram adquiridas em grande parte por incentivo do governo pelo programa Banco da Terra, peculiaridade do município de Jacuizinho. Outros 44% possui propriedade em condição de usufruto, ou seja, utiliza a área de terra de seus familiares, que posteriormente serão suas. Outro ponto que vale destacar é a condição de sociedade, em que uma pessoa trabalha em terra de terceiros, dividindo seus gastos e lucros.

Segundo o gráfico 17, no município de Jacuizinho o número de pequenos agricultores é elevado, porém 36% dos entrevistados produzem mais de 200 arrobas por ano (3.000 kg); 32% afirmam produzir de 100 a 200 arrobas anuais; Lembrando que 44% dos produtores entrevistados plantam de 10 a 30 mil pés de fumo, a produção média está, portanto abaixo dos índices regionais, devido à transtornos decorrentes ao clima

Gráfico 17:



Fonte: Dados da pesquisa.

Não diferente de outras culturas, a produção fumageira também necessita de muitos equipamentos de infraestrutura para o manejo de produção, como se observa no quadro abaixo.

Quadro 6- Equipamentos e infraestrutura do fumicultores

Ñº	Equipamentos	%	Ñº	Infra Estrutura	%
1	Semeadeira	40	1	Galpão para secagem do fumo	52
2	Bandejas de isopor (Sistema float)	40	2	Paiol pra armazenamento fumo seco	100
3	Repicador de mudas	52	3	Estufa de secagem tradicional	32
4	Adubadora (tração animal)	52	4	Estufa de secagem elétrica	8
5	Adubadora (trator)	36	5	Estufa/em anexo paiol	16
6	Plantadeira Manual	40			
7	Tecedeira elétrica	24			
8	Aparelho elétrico instalado na fornalha	32			
9	Trator	24			
10	Carroça tração animal	80			
11	Equipamentos não citados anteriormente	72			

Fonte: Dados da pesquisa.

Na parte dos equipamentos cabe ressaltar que 80% ainda utilizam carroça tração animal, visto que os meios aquisitivos da maioria dos produtores são baixos, devido a isso existe uma inviabilidade de compra de maquinários adequados. Nesse sentido apenas 24% dos entrevistados afirmam possuir trator.

Já na parte de infraestrutura o fato de 100% dos fumicultores possuírem paiol para armazenagem do fumo, não significa que essas instalações se encontram em bom estado de conservação para tal função. Ainda no que diz respeito à infraestrutura pode-se observar que apenas 8% dos entrevistados possui estufa de secagem elétrica, um investimento relativamente alto, que apesar de suas vantagens é muito raro nesse município.

Seguindo este raciocínio, chegamos a um ponto muito importante durante a produção do fumo, que é a parte ambiental, ou seja, no manejo dos agrotóxicos, pois através deste estudo constatou-se que 52% dos entrevistados não possuem infraestrutura de armazenagem de agrotóxicos, ou seja, apesar de todas as campanhas feitas por diversos meios de comunicação e até mesmo as do ramo da fumicultura, não são suficientes para conscientizar esses agricultores. Sob este aspecto percebeu-se que 48% apresentam infraestrutura de armazenagem de agrotóxicos, porém apenas metade desse percentual está dentro das normas socioambientais. Apesar do resultado desse estudo mostrar que os produtores de fumo não se preocupam com a forma de armazenagem dos agrotóxicos, pode-se observar que a maioria deles estão preocupados em se proteger, pois 56% afirmam possuir e utilizar EPI (Equipamento de proteção individual) visto que durante a produção da cultura do fumo são

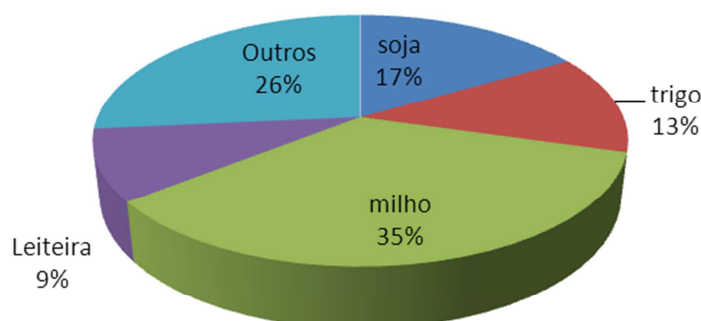
utilizados produtos agrotóxicos na produção, desde o preparo de mudas, o controle de pragas e doenças, até a etapa final que é a colheita.

Com relação ao local de armazenagem do produto final, ficou constatado que todos possuem paiol de estocagem do fumo seco, porém 60% possuem galpão todo em assoalho e apenas 2% possuem galpão todo em alvenaria, que segue as normas técnicas da AFUBRA (associação dos fumicultores do Brasil). Contudo, 36% dos entrevistados não são associados à AFUBRA, mas a grande maioria, 64% são vinculados, apesar de 68% nunca sofrerem acidentes na propriedade com relação à produção do fumo, o percentual de assegurados é grande, mas nem todos fazem o seguro total, que contempla granizo, incêndio, estiagem, inundação, já que 40% possuem seguro parcial, que é de escolha do proprietário que será assegurado.

Em Jacuizinho, a produção de grãos causa um grande impacto na economia regional, pois possui predominância como vimos anteriormente à cultura da soja, mas nas propriedades que são mantidas essencialmente com produção de fumo, a outra cultura é o milho (35%), pois este é produzido nas mesmas terras do fumo logo depois de colhido, e assim se utilizando basicamente dos mesmos adubos, com isso barateando a produção, portanto constata-se que estes índices contrariam os do município (gráfico 18).

Gráfico 18:

Outras atividades produtivas realizadas na propriedade



Fonte: Dados da pesquisa.

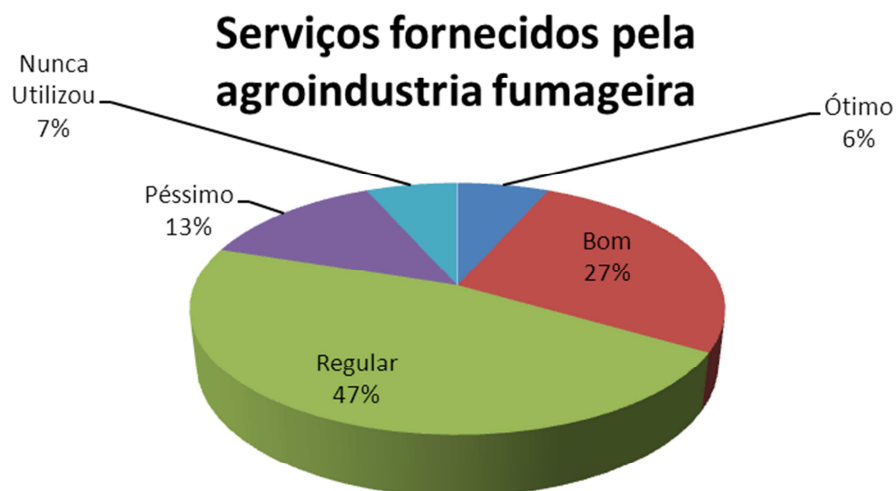
A cultura do fumo vem sofrendo críticas e discussões por causa de certas sanções assinadas internacionalmente, ao passo que se cria certa desconfiança diante dos produtores de fumo no Brasil e por consequência influencia-se o município. Em Jacuizinho, 56% dos produtores de fumo querem mudar o ramo de produção para outra fonte de renda, sendo que metade desse percentual deseja migrar para pecuária de corte ou leite, e 37% para hortifrutigranjeiro, mas constata-se no item 38 que, apesar de estarem passando por certas dificuldades querem continuar a vida no campo, uma vez que apenas 7,1% deseja procurar novas alternativas na cidade.

Quando se trata de comercializar a produção, 36% costumam fazê-la com a própria agroindústria, vinculados ou não, e igualmente 36% dos produtores afirmam que preferem comercializar com quem pagar melhor pela produção. Os 26% restantes costumam comercializar com empresas locais ou com atravessadores.

Identificou-se neste estudo que 44% dos fumicultores entrevistados costumam comprar seus insumos através de alguma agroindústria, 32% costuma comprar de quem vender mais barato, os outros 24% das empresas locais. Os produtores de fumo costumam vender seus produtos quando o mercado está favorável, ou seja, quando a cotação do preço do produto está boa, pois 48% afirmam que dependendo da época de venda, o valor pago é satisfatório. Porém, 40% acha que os eventuais compradores não pagam preço justo pela sua produção. Vale lembrar que apenas 12% dos produtores acham que recebem preço justo pela sua produção.

Os produtores foram ainda questionados sobre a assessoria que recebem em sua lavoura de fumo. Através das agroindústrias (apenas quem possui vínculo), 73,3% mostrou aceitar a assessoria adequada pela agroindústria, o restante tem opinião contrária, tanto é que 53,3% dos entrevistados não possui fidelidade com a agroindústria a qual está vinculada, e 66,6% em algum momento já se sentiu prejudicado por estar vinculado a agroindústria. Já sobre os serviços de assessoria recebidos pela agroindústria 47% considera regular, observe a figura abaixo.

Gráfico 19:



Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação aos serviços fornecidos, 73,3% dos produtores que recebem este benefício da agroindústria afirmam ser gratuito, porém 53,3% não concordam com as instruções fornecidas pela agroindústria, por considerarem que cada propriedade possui sua singularidade e que nem sempre as instruções trarão resultados positivos em sua produção.

6. CONCLUSÃO

A cultura fumageira no Brasil se estende de norte a sul. Mas é no Rio Grande do Sul que ela possui mais influência em função da imigração de pessoas vindas de países Europeus que conheciam a cultura, o que facilitou por sua vez as instalações do setor consolidado de fumicultura, uma vez que é cultivada principalmente em pequenas propriedades rurais, ou seja, atividade tipicamente mini fundiárias.

Um dos fundamentos principais na base da cultura fumageira é a unidade familiar, pois ela está ligada desde o início da produção, já que o dono da propriedade é o responsável pela direção, organização e execução do trabalho.

O que se percebe no município de Jacuizinho é que a atividade fumageira está longe de ser próspera, pois há alguns anos vem perdendo seu espaço diante de outras culturas devido ao crescimento de outras cadeias produtivas. Um exemplo a ser citado é a cadeia produtiva do leite que vem sendo fomentada por campanhas publicitárias e principalmente por instalações de empresa do ramo, diferente da cultura do fumo em que as campanhas publicitárias são negativas e com isso desestimulam a produção que, até o momento é lembrada apenas pelo mal que causa a saúde, e acabam esquecendo-se do bem que esta cultura traz para a região no setor econômico.

REFERENCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Ruralidade e desenvolvimento territorial**. Gazeta Mercantil. 15 abr. 2001, p. A3.

ABRAMOVAY, Ricardo; MAGALHÃES, Reginaldo; SCHRÖDER, Mônica. **A agricultura familiar entre o setor e o território**: as forças sociais dos novos territórios –o caso da Mesorregião Grande Fronteira do Mercosul, 2005. Disponível em <[http://idrinfo.idrc.ca/archive/corpdocs/123073/Anexos/A. an Workshop of Agri-Chain Management](http://idrinfo.idrc.ca/archive/corpdocs/123073/Anexos/A_an_Workshop_of_Agri-Chain_Management)> Artigo publicado XVII Congresso de Iniciação científica. Disponível no Link: http://www.ufpel.edu.br/cic/2008/cd/pages/pdf/SA/SA_00180.pdf

A Agricultura Familiar e a Cadeia do Fumo no Brasil. Amadeu A. Bonato, Disponível no link: <http://www.emater.pr.gov.br/arquivos/File/Seminarios/08Cadeiadofumo.pdf>

A FUMICULTURA NO RIO GRANDE DO SUL: UMA ABORDAGEM SOB A ÓTICA DA NOVA ECONOMIA DAS INSTITUIÇÕES Giani Augusto Bicca Barrero, Clailton Ataídes de Freitas, Adayr da Silva Ilha, Jefferson Andrônio Ramundo Staduto. Disponível no link: <http://www.ufsm.br/mila/clailton/publicacoes/cientificos/fumicultura-rs.pdf>

AFUBRA, Associação dos Fumicultores do Brasil. **Dados sobre a Fumicultura**. Disponível em: <www.afubra.org.br>. Acesso em: 20 dez. 2005.

BATALHA, M. O. (coord.) **Gestão Agroindustrial 1: GEPAL**: Grupo de estudo e Pesquisas Agroindustriais. São Paulo: Atlas, 2001. p 690

___ **Gestão Agroindustrial 2: GEPAL**: Grupo de estudo e Pesquisas Agroindustriais. São Paulo: Atlas, 1999. 383 p.

___ **Gestão Agroindustrial 2: GEPAL**: Grupo de estudo e Pesquisas Agroindustriais. São Paulo: Atlas, 1999. 383 p.

___ **Gestão Agroindustrial um: GEPAL**: Grupo de estudo e Pesquisas Agroindustriais. São Paulo: Atlas, 2001. p 690

___ (Coord.), **Gestão do Agronegócio**. São Carlos, EdUFSCAR, 2005.

___ **Cadeias de Produção Agroindustriais: uma perspectiva para os estudos das inovações tecnológicas**. Revista de Administração, São Paulo v. 30, n.4, p 43-50, 1995.

BINOTTO Paula Alexandra e PEREIRA João Gustavo de Savignon. Disponível no link: http://www.labsad.ufsc.br/estudos_economia_SC/Trabalhos%20sobre%20economia%20catarinense/0%20Sintese%20master%20plan/4.2%20CPR%20Fumo.pdf

BONATO Amadeu A. **A Fumicultura no Brasil e a Convenção-Quadro. Para Controle do Tabaco**, DESER – Departamento de Estudos Socioeconômicos Rurais, Curitiba Janeiro de 2006.

Cadeias de Produção Agroindustriais. Mario Otavio Batalha, Disponível no link: www.rausp.usp.br/download.asp?file=3004043.pdf

CANZIANI, J. R.; **Cadeias Agroindústrias**; O Programa Empreendedor Rural; contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. Disponível em: <<http://osal.clacso.org/espanol/html/documentos/Fernandez.doc>>. Acesso em 25 de jan.2006.

CARVALHO JÚNIOR, Luiz Carlos de, **A Noção de Filière: Um Instrumento para a Análise das Estratégias das Empresas**, Departamento de Ciências Econômicas - UFSC

Cria a Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Fumo do Estado do Rio Grande do Sul e dá outras providências, Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul. Disponível no Link: http://www.saa.rs.gov.br/uploads/1298895375Decreto_de_Criacao_Fumo.pdf

DUARTE, V. N. **Caracterização dos Principais Segmentos da Cadeia Produtiva do Leite em Santa Catarina**. Dissertação de Mestrado em Engenharia da Produção –Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

FARINA, E. M. M. Q. & ZYLBERSZTAJN, D. **Deregulation, chain differentiation**– 10-11 novembro, FEA/RP/USP, 1997.

FERNADES, A.A.; Sistema Agroindustrial, Trabalho acadêmico, DCAB- Departamento de Ciências Agrária e Biológicas, CEUNES- Universidade Federal do Espírito Santo, Disponível no Site: <http://www.ceunes.ufes.br/downloads/2/adrianofernandes-4>

FERNANDES, B. M. **Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: GRANDE DO SUL**,. Disponível no Link: <http://www.sober.org.br/palestra/6/508.pdf> Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1994.

Integração Ou Enganação Na Cadeia Produtiva Do Fumo? Boletim Especial descer-ACT/Dezembro 2009. Disponível no link: http://www.deser.org.br/publicacoes/Boletim_Especial_DESER_email.pdf

KHAIRALLA, T.K. **A Saúde como um bem Meritória Dicotomia da Indústria do Tabaco**, Monografia submetida ao curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

LIMA , Ronaldo Guedes de. **Desenvolvimento e relações de trabalho Mate**. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio - **na fumicultura sul-brasileira**. Sociologias, Porto Alegre, ano 9, nº 18, jul./dez. 2007, p. 190-225

NORTH, D. C. **Custos de transação, instituições e desempenho econômico**. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1994.

OLIVEIRA Edevagner Souza de; ARBAGE, Alessandro Porporatti; TROST, Mark Schlosser; **Custos de transação na cadeia produtiva do fumo no Rio Grande do Sul**, São Paulo, 2003.

PADILHA, João Batista Junior, **Conceito de Agronegócios**, Ministério da Educação e do Desporto, Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Agrárias, Departamento de Economia Rural e Extensão – Dere

PINTO, Tânia Cavalcanti. **Considerações Sobre Tabaco e Pobreza no Brasil: Consumo e Produção de Tabaco**. Disponível no Link: http://www.inca.gov.br/tabagismo/publicacoes/tabaco_pobreza.pdf

SANTANA, Antônio Cordeiro de. Considerações teóricas e metodológicas sobre agronegócio e cadeia produtiva. In: SANTANA, Antônio Cordeiro de; AMIN, MárioMiguel. **Cadeias produtivas e oportunidades de negócio na Amazônia**. Belém:Unama, 2002. Cap. 1, p. 15-70.

SILVEIRA, Rogério Leandro Lima. **Mercado Mundial de Tabaco, Concentração de Capital e Organização Espacial. Notas Introdutórias para uma Geografia do Tabaco**, Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Santa Cruz do Sul-RS, 2009.

SILVA, Leonardo Xavier da, **Análise do Complexo Agroindustrial Fumageiro Sul-Brasileiro Sob o Enfoque da Economia dos Custos de Transação**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas Programa de Pós-Graduação em Economia, Porto Alegre, 2002.

TILLMANN, Eduardo ; SILVA, Leonardo Xavier da. **A eficiência comercial da cadeia do fumo no Rio Grande do Sul: uma aplicação da Nova Economia das Instituições**. Departamento de Administração, UNIOESTE. Toledo, 2005.

VIANA, Giomar; Rinaldi, R.N. **Principais Fatores que Influenciam no Desempenho Aa Cadeia Produtiva de Leite – Um Estudo com Os Produtores de Leite do Município de Laranjeiras do Sul - PR**. Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, Rio Branco – Acre, 2008.

ZYLBERSZTAJN, D. **Estruturas de governança e coordenação do agribusiness: uma aplicação da Nova Economia das Instituições**. São Paulo, 1995, 238p. Tese – FEA. [s.n] Histórico da produção de fumo no Brasil. Disponível em <<http://www.afubra.com.br/port/link2.html>>. Acesso em 22 fev.2002.

ANEXO 1

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PESQUISA SOBRE A PRODUÇÃO DE FUMO.**

Responsável pela produção de fumo na propriedade: _____

1) Qual é sua idade?

- 18-30 anos
- 30-40 anos
- 40-50 anos
- 50-60 anos
- acima de 60 anos

2) Qual é sua escolaridade?

- Ens. Fundamental
- Ens. Médio.
- Ens. Superior
- Não alfabetizado

3) Em sua casa, quais as tecnologias que você mais utiliza na atividade do fumo:

- Eletricidade
- Telefone
- Computador
- Internet
- Outros

4) Espécie de fumo plantado:

- Burley
- Virginia
- Comum
- Outros

5) Possui vínculos com alguma agroindústria fumageira?

- Sim
- Não

6) Se a resposta for sim por que se vinculou?

- Para ter um acompanhamento técnico na plantação.
- Facilidade na hora de vender a produção.
- Ter acesso a infraestrutura que essas empresas oferecem (insumos, fungicidas, agrotóxicos, sementes e variedades adequadas)

7) Está associado a algum sindicato?

- Sim
 Não

8) Se você está vinculado a algum sindicato, qual?

- Sindicato dos trabalhadores rurais
 Sindicato rural
 Outros

9) Quais as principais fontes de informação sobre a atividade fumageira?(múltipla escolha)

- | | |
|--------------------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> Televisão | <input type="checkbox"/> Técnico (Orientador, tec. Agrícola) |
| <input type="checkbox"/> Radio. | <input type="checkbox"/> Vendedor de Equipamentos e/ou Insumos. |
| <input type="checkbox"/> Jornal. | <input type="checkbox"/> Vizinho/amigo/parente |
| <input type="checkbox"/> Associação. | <input type="checkbox"/> Indústria/Fumageira |
| <input type="checkbox"/> Sindicato. | <input type="checkbox"/> Internet |
| <input type="checkbox"/> Outros | |

10) Você ou alguém de sua família participou de cursos, dias de campo, reuniões técnicas sobre a atividade do Fumo?

- Sim
 Não

11) Quem motivou a participação?

- Fumageiras/indústria
 Associação/Sindicato
 Emater
 Outros

12) Por que começou a produzir fumo?

- Por ser a atividade mais viável em minha região
 Por conhecer as técnicas de cultivo
 Por ser uma atividade muito lucrativa
 Por não ter outra opção
 Por possuir pequena propriedade

13) Há quanto tempo trabalha com fumo?

- Menos de 5 anos
 5-10 anos
 10-15 anos
 15-20 anos
 mais de 20 anos

14) Recebe assistência técnica?

- Sim
- Não

15) Se a resposta anterior for SIM, qual?

- Emater
- Fumageira/ orientador
- Prefeitura
- Empresários do ramo (picareta)

16) Quais informações você gostaria de ter sobre a cultura de fumo, mas tem dificuldade em encontrar?

- Cotação do valor por arroba
- Novas técnicas de produção
- Oportunidade de mercado
- Novas variedades de fumo
- Outros

17) Já usou algum tipo de financiamento (investimento) para adquirir equipamentos, infraestrutura (estufa, galpão etc...)

- Sim
- Não

18) Já utilizou algum financiamento para a compra de insumos agrícolas ou para a manutenção da lavoura (plantio, cultivo e colheita)?

- Sim
- Não

19) Se alguma das respostas anteriores foi SIM, foi por meio de?

- Financiamento Bancário
- Empréstimos
- Agro Industrias (Firmas de fumo)
- Por conta própria

20) Quantas pessoas na família trabalham na atividade fumageira?

- Somente você
- De 2 a 4 pessoas
- Mais de 5 pessoas

21) Contrata empregados durante o plantio?

- Sim
- Não

22) Contrata empregados durante a colheita?

- Sim
 Não

23) Contrata empregados durante a parte de classificação do fumo já seco?

- Sim
 Não

24) Tamanho da propriedade em. Hectares.

- menos de 10 há
 10 a 30ha
 30 a 50 há
 50 a 100
 Mais de 100 ha

25) Esta propriedade é:

- Própria
 Arrendada
 Usufruto
 Sócio

26) Produção média anual em arrobas (total anual)

- De 10 a 50
 De 50 a 100
 De 100 a 200
 Mais de 200

27) Possui algum tipo de equipamentos e infra estrutura para o manejo da produção fumageira:

- Sim (marque as opções a baixo)
 Não

Equipamentos		Infra Estrutura	
<input type="checkbox"/>	Semeadeira	<input type="checkbox"/>	Galpão para secagem do fumo
<input type="checkbox"/>	Bandejas de isopor (Sistema float)	<input type="checkbox"/>	Paiol pra armazenamento fumo seco
<input type="checkbox"/>	Repicador de mudas	<input type="checkbox"/>	Estufa de secagem tradicional
<input type="checkbox"/>	Adubadora (tração animal)	<input type="checkbox"/>	Estufa de secagem elétrico
<input type="checkbox"/>	Adubadora (trator)	<input type="checkbox"/>	Estufa/em anexo paiol
<input type="checkbox"/>	Plantadeira Manual	<input type="checkbox"/>	
<input type="checkbox"/>	Tecedeira elétrica	<input type="checkbox"/>	
<input type="checkbox"/>	Aparelho elétrico instalado na fornalha	<input type="checkbox"/>	
<input type="checkbox"/>	Trator	<input type="checkbox"/>	
<input type="checkbox"/>	Carroça tração animal	<input type="checkbox"/>	
<input type="checkbox"/>	Equipamentos não citados anteriormente	<input type="checkbox"/>	
<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	

28) Possui infra estrutura para armazenamento de agrotóxicos?

- Sim
- Não

29) Se a resposta anterior for SIM, como ela é?

- Estrutura toda em alvenaria seguindo normas sócio ambientais
- Estrutura mista (alvenaria e madeira)
- Estrutura em madeira

30) Possui EPI (Equipamento de proteção individual)

- Sim
- Não

31) Qual o principal local de estocagem do fumo?

- Galpão de madeira com assoalho
- Galpão de madeira com piso em concreto
- Galpão todo em alvenaria
- Galpão anexado ao forno de secagem

32) Você é associado da AFUBRA (Associação dos Fumicultores do Brasil)

- Sim
- Não

33) Já ocorreu algum tipo de acidente em sua propriedade?

- Sim
- Não

34) Possui seguro?

- Sim
- Não

35) Se sim qual o tipo?

- Total (Lavoura e estufa)
- Parcial

36) Há alguma outra atividade produtiva realizada na propriedade?

- Soja
- Trigo
- Milho
- Leiteira
- Outros

37) Gostaria de mudar o ramo de produção para algum outro tipo de fonte de renda?

- Sim
- Não

38) Se a resposta for SIM na pergunta anterior qual?

- Hortifrutigranjeiro
- Pecuária de Corte e/ou leite
- Agropecuária (sementes e cereais)
- Tentar a Vida na cidade

39) Você costuma comercializar sua produção:

- Com a própria agro indústria (fumageira)
- Com empresas locais
- Com quem pagar melhor

40) Com relação aos fornecedores, de quem você costuma comprar os insumos para o plantio:

- Direto com a agroindústria, através do orientador
- De empresas locais
- De quem vender mais barato

41) Você acha que os compradores pagam preço justo pela sua produção?

- Sim
- Não
- Depende a época de venda

42) As agro indústria de fumo fornecem uma assessoria adequada em sua lavoura?

- Sim
- Não.

43) Você possui fidelidade a agro indústria que você trabalha?

- Sim
- Não

44) Alguma vez você já se sentiu prejudicado por trabalha para alguma agro indústria?

- Sim
- Não

45) O serviço ou assessoria oferecido pela agro indústria é considerado?

- Ótimo
- Bom
- Regular
- Péssimo
- Nunca usou.

46) Esta assessoria é gratuita?

Sim

Não

47) Você concorda com as instruções oferecida pela agro indústria

Não

Sim

48) Área total plantada de fumo em sua propriedade.

Menos de 1 há.

De 1 a 3 há.

De 3 a 5 há.

Mais de 5 há.

49) Quantidade total de fumo plantada em sal propriedade (por mil).

De 10 a 30 mil pés.

De 30 a 50 mil pés.

De 50 a 100 mil pés.

Mais de 100 mil pés.